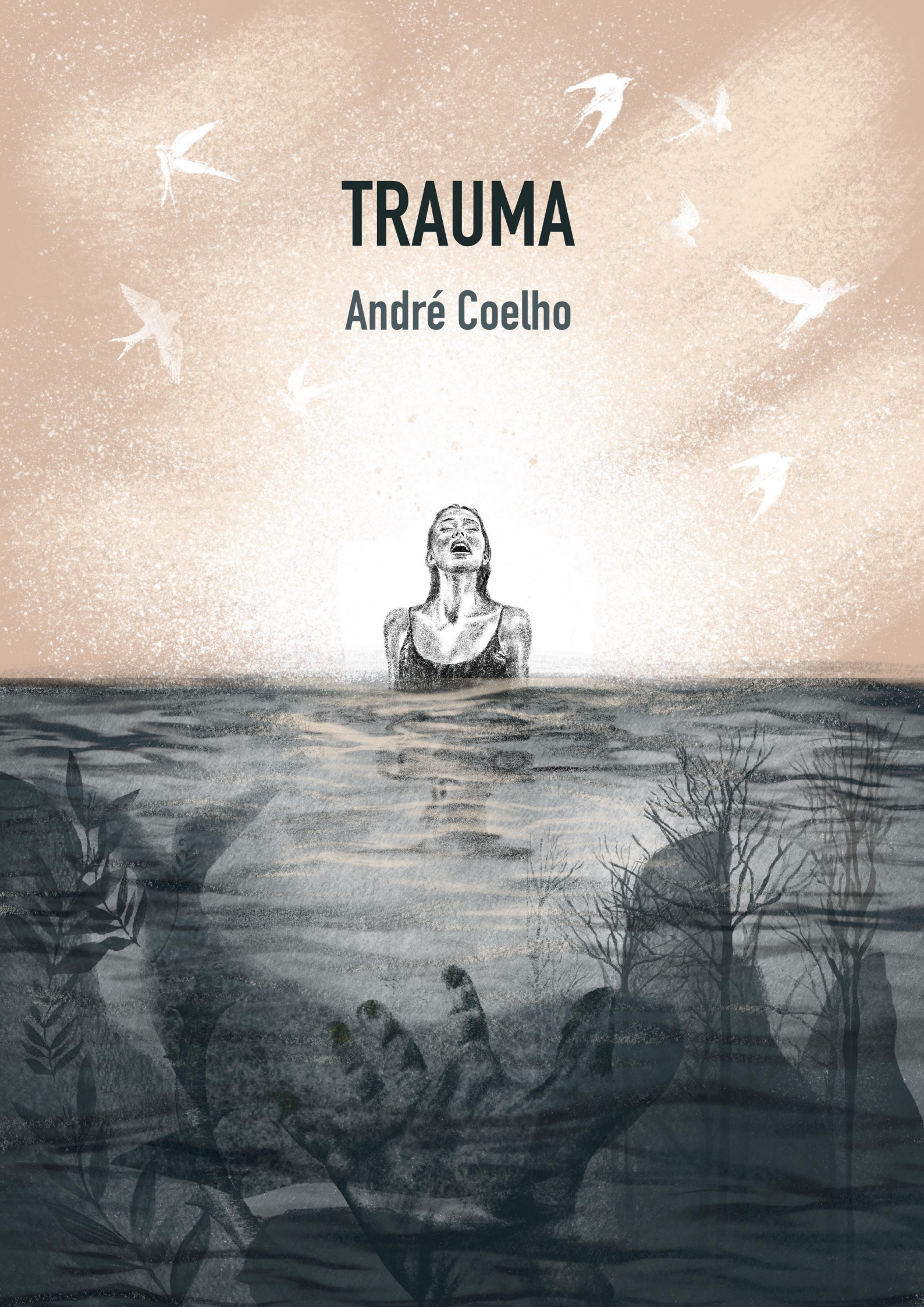


# TRAUMA

André Coelho



## Paula

Nessa noite, ela chegou a casa já passava das quatro da manhã. Bêbada, e exausta. Entrou, tirou os sapatos e deixou cair a mala de qualquer maneira, junto à porta de entrada, apenas conseguindo arrastar-se para o sofá da sala. Sentindo a cabeça a latejar, e a sala a andar à roda, ainda lhe ocorreu que ele poderia ter reparado na sua chegada, a partir do quarto no andar de cima daquele pequeno duplex citadino. Mas não estava em condições de pensar em mais nada e, assim que deitou a cabeça na almofada do sofá, adormeceu quase instantaneamente. Acordou com frio, e uma valente dor de cabeça. A sala estava deserta, mas vinham ruídos da cozinha. Inspirou com ruído, apercebendo-se do seu próprio hálito a álcool e de uma náusea proveniente da ressaca e da fome. Não entrou logo na cozinha, optando por subir a escada e enfiar-se na casa de banho, onde tomou um duche prolongado. Apesar do conforto da água quente, e da roupa lavada, sentia-se ainda algo suja e desconfortável no seu corpo. Era sábado, pelo que nenhum deles iria trabalhar, mas estava decidida a não dramatizar o sucedido na noite anterior. Desceu as escadas, calmamente, como faria num outro dia, num outro fim-de-semana em que se tivesse levantado da cama de casal que partilhavam.

- Bom dia.

Em resposta, ele grunhiu qualquer coisa que não conseguiu entender. Estendeu a mão, imediatamente, a uma banana, para ir trincando qualquer coisa. Percebeu que ele estava a preparar o almoço, mas não comentou. Apesar da dor de cabeça e de uma lentidão generalizada no seu corpo, tentou aligeirar a situação.

- Chegaste a fazer a transferência lá para os senhores da obra? - Ele acenou com a cabeça. Parecia mais triste que chateado, ou zangado – Isso é arroz de tamboril?

A resposta foi um lento acenar de cabeça. De resto, os seus movimentos eram contidos e tensos. Sentaram-se os dois para almoçar, à mesa da cozinha, e pouco mais falaram. Ele não reunia coragem para lhe perguntar, e ela também não para lhe contar. Ambos sentiam o peso da vergonha. Nessa noite, já deitados no silêncio do quarto, ele questionou, numa voz carregada de tristeza.

- Ontem foste com alguém?

Ela sentiu, imediatamente, mesmo no breu do quarto apenas iluminado pela luz da rua filtrada pelo estore, a face enrubescida e uma pontada no estômago. Involuntariamente, veio-lhe à mente a imagem da mãe, stressada e zangada com o facto de ter deixado cair o prato da sopa.

- Sim – Respondeu secamente, não aguentando mais a dor de barriga.

Ele engoliu em seco. Tinha as pontas dos dedos a tremer, e um calor a subir-lhe à cabeça. Estava nervoso. Pegou na almofada e colocou-a na vertical, para se encostar à cabeceira e ficar sentado. Ainda deixou passar um bom bocado até se pronunciar, mais calmo.

- Ou comesas a ir a um psiquiatra, ou vou-me embora – Sabia que não queria, mas sentia-se encurralado – Quer dizer, não sei exatamente o que é que vou fazer da minha vida sem ti, mas não aguento mais isto. A sério, não aguento.

E desatou a chorar. Chorou, arfou, assoou-se, enquanto ela permanecia imóvel, deitada, como um cadáver, ao seu lado. Queria tocar nela, mas não conseguia; ela parecia distante e inerte...tinha medo

da sua rejeição. Mas ela não dormia. Já não sentia as bochechas quentes, nem o nó no estômago. Apenas uma indiferença inquietante, uma lucidez inerte.

- Ok – Falou, sem qualquer expressão na voz – Agora, dorme. Estou cansada. Boa noite.

Ele ouviu e deixou-se ficar sentado, fungando. O medo que sentia não era apenas de a perder, mas que ela mudasse. Nesse caso, como seria? Não gostava da situação atual, mas o desconhecido assustava-o também. A Paula que ele conheceu, e por quem se apaixonara, não era com quem vivia de momento, e sabe-se lá quem seria após passar pelo psiquiatra. Antes de adormecer, apercebeu-se claramente que vivia dominado pelo medo. Mas sentia-se perdido por não encontrar, objetivamente, na sua vida até então, motivos que, a seus olhos, o justificassem. Começava a ter dúvidas quanto à sua própria sanidade mental.

Na sala de espera do consultório havia um quadro com a seguinte inscrição: “Se o trauma falasse, diria o que está a pensar neste momento”. Ela leu aquilo, mas não lhe ocorreu nada. Não pensava. Apenas se sentia fechada, sem vontade de pensar, nem de falar. Desconfiava de médicos. Respirava, mas muito superficialmente. Não sabia o que fazer com as mãos. Só ainda ali estava porque, no fundo, sabia que precisava. De fazer alguma coisa.

Passados uns minutos, espreitava para dentro da sala de espera uma senhora nos seus sessenta anos, com um largo sorriso.

- Senhora Paula, pode entrar. O doutor já a pode receber – E abriu a porta completamente, para Paula passar.

Apesar da boa disposição e simpatia da secretária do doutor, Paula não conseguiu sorrir, nem agradecer, nem sequer olhar para ela. A senhora não pareceu incomodada com isso. Ao invés, acompanhou-a até à porta, que se encontrava entreaberta e, sempre mantendo o sorriso, convidou-a a entrar com um gesto. Com os cabelos à frente dos olhos e os ombros descaídos, Paula entrou, relutante.

Sentou-se de imediato, sem olhar para a frente. Mantinha-se em silêncio. O doutor contemplou, por uns instantes, também em silêncio, aquela mulher congelada, envergonhada, inconscientemente empenhada em esconder-se. Já vira muitos assim. Sabia que haveria bastante trabalho a fazer, antes que qualquer conversa com significado pudesse ocorrer. Falou apenas à laia de apresentação, e para respeitar um protocolo social mínimo.

- Boa tarde – Olhou, de relance, para a ficha em cima da sua mesa – Paula Guedes. Bem-vinda. Posso trata-la por Paula? – Ela limitou-se a encolher os ombros – Não precisa de falar. Haveremos de ter bastante tempo para isso, mais tarde. Proponho algo diferente: e se apenas ficássemos sentados, a respirar?

Novo encolher de ombros. Paula lançava olhares furtivos à porta. O doutor desacelerou ainda mais; sabia que aqueles primeiros minutos eram críticos.

- Temos tempo, Paula. Não há qualquer obrigação de dizer, ou fazer alguma coisa. A minha proposta é bastante literal: a ideia é mesmo só respirar fundo, lentamente, três vezes, respirar normalmente por mais vinte segundos, e voltar a repetir o processo pelo menos duas vezes. Para já, é só isso.

Ela levanta os olhos. O doutor está sério, mas descontraído. Interiormente, porém, sorri, pois sabe que o contacto ocular é um início para o estabelecimento da confiança. Levanta-se da sua cadeira, por trás

## Trauma

da secretária, e coloca-se em pé à frente da mesma, para que Paula possa ver a sua figura completa, embora mantendo uma distância que esta considere confortável. Ela fornece-lhe um gesto subtil com o pescoço, acedendo à proposta. Adquire um olhar assustado.

- Vamos, então, só respirar fundo – Abre os braços ligeiramente, a indicar a inspiração – Inspiramos... - Quase sem se mexer, Paula inspira, mantendo o olhar fixo no doutor, como uma âncora – E agora expiramos – E baixa os braços, à medida que sente o ar aquecido a passar-lhe junto ao lábio superior.

Repetiram o procedimento mais três vezes, seguindo a descrição do doutor. Paula parecia estar a relaxar, sentindo agora menos vontade de sair da sala. O doutor viu a possibilidade de propor mais um passo em frente.

- Excelente. Agora, propunha que se levantasse, e que repetíssemos esta série de respirações com a ajuda dos braços. Vou fazer uma vez, para que perceba o movimento, e a seguir fazemos juntos. Pode ser?

O aceno de Paula, com a cabeça, era agora mais acentuado. O doutor mostrou-lhe, então, um levantar dos braços até cerca da altura dos ombros, em cinco segundos de inspiração.

- Aqui, mantemos o ar nos pulmões durante mais uns cinco segundos, enquanto esticamos os braços em direção ao infinito – Conta interiormente os segundos – E, a seguir, baixamos lentamente os braços, enquanto expiramos em dez segundos. A ideia é repetir três ou quatro vezes.

Paula não respondeu, nem comentou, mas levantou-se da cadeira, depois de pousar a sua mala no chão junto à mesma. Fazia um esforço para controlar as tremuras nas mãos e nos joelhos. O doutor improvisava, associando livremente técnicas de relaxamento que tinha aprendido no ioga e outras disciplinas orientais. Conduziu a sua paciente através de mais alguns exercícios de respiração, e de movimentação do pescoço. Por fim, indicou-lhe que se voltasse a sentar, e descontraísse o mais possível, deixando tombar os braços ao longo do corpo, mas mantendo uma postura com as costas direitas. Aproveitou o momento, com Paula à sua frente como que meditando, sentada na cadeira, para voltar a tomar o seu lugar atrás da secretária.

- Isto tudo teve apenas o objetivo de a relaxar, de corpo e mente – Cruzou os dedos sobre a ficha, que mantinha ao centro da mesa impecavelmente arrumada, sorrindo abertamente.

De repente, Paula abre os olhos, voltando a sentir o corpo tenso e as tremuras de anteriormente.

- Doutor, eu...

O doutor levanta a mão direita, num sinal de paragem, mas mantendo o sorriso.

- Penso que, por hoje, foi suficiente. Não há necessidade de falar agora. Até lhe digo mais: só será momento de falar quando o fizer sem a reação instintiva de proteção. Quando o seu organismo se sentir seguro, aqui – Olhou para a folha, sobre a secretária, e escreveu lá qualquer coisa.

- Obrigado, doutor – Balbuciou Paula, ainda não compreendendo completamente o que estava a acontecer.

- Oh, não tem de agradecer – Levanta-se e, delicadamente, sugere-lhe o mesmo, orientando-a para a porta – Já deve ter percebido que, embora eu seja psiquiatra, não vou, à partida, receitar-lhe comprimidos. O meu consultório não é uma casa de chuto, e eu não sou nenhum “dealer”, se me faça entender. Vemo-nos cá para a semana?

Ela acena afirmativamente.

- Ótimo. E, durante este tempo, sempre que se sentir descontrolada, ou congelada, ou ansiosa, faça um ou mais destes exercícios que agora fizemos. Vai ver que faz diferença. Adeus e até breve.

Paula entrou no ritmo. Semana após semana, ia respirar profundamente para o consultório do doutor. Na quarta sessão, ganhou coragem para contar uma cena inócua da sua vida quando era criança. Mas o doutor sabia que se tratava apenas de um aquecimento para o destapar de negros segredos que a mantinham trancada numa existência alienada, condicionada por comportamentos compulsivos.

Nesse dia, chegou a casa bem-disposta. O dia tinha corrido bem, e conseguira terminar todos os exames oftalmológicos que tinha para fazer, e a cerveja com a colega do consultório fora leve e relaxante. Há muito tempo que não se sentia assim, e Jaime reparou logo. Estranhou quando ela entrou em casa, antes do jantar e, coquete, lhe espeta um beijo na bochecha. Não se lembrava da última vez em que ela tivesse feito algo semelhante. Não comentou, mas ficou agradavelmente surpreendido. Além disso, ela estava a falar bastante. Enquanto ele preparava o jantar, ela tagarelava sobre as histórias dos pacientes da clínica, e das intrigas entre os colegas e os chefes. Ele ia acenando com a cabeça, e sorrindo para ela, mas algo lhe dizia, interiormente, que as coisas não mudavam assim tão depressa. Ainda assim, deixou-a livre para se expressar como queria, sem fazer muitas perguntas. Estava, acima de tudo, contente por vê-la, e ouvi-la, daquela maneira. Trataram das restantes coisas, e da higiene antes de ir para a cama, da forma usual. Ela estava mais calma, mas ainda sorria. Já deitados, ele chegou-se a ela, docemente, sentindo a excitação a tomar conta do seu corpo. Para seu espanto, ela não o repeliu, procurando até o seu membro, acariciando-o na sua forma ereta. Durante uns instantes, ambos se entregaram ao amor, com ela a fazer-lhe sexo oral. Foi quando ele se moveu, apesar de devagar, para uma posição mais próxima dela, no sentido da penetração, que o corpo dela reagiu numa repentina reclusão. Na sua face, estampada uma expressão de repulsa. Ele ficou simplesmente a olhar para ela, enquanto o seu próprio corpo esmorecia e Paula, triste e impotente, se enroscava no seu lado da cama, adquirindo uma posição inerte de organismo congelado. Jaime conhecia bem aquele fenómeno. Um par de anos antes, Paula vira o recém-nascido de ambos morrer na incubadora, e foi como se feridas antigas tivessem vindo à superfície do seu corpo. Ela não falava sobre isso, mas ele percebia a diferença entre a pessoa que ela era antes da morte do filho, e quem era naquele momento. No entanto, e apesar da tristeza e frustração, ele sentia-se lúcido. Sempre lentamente, sentou-se na cama, encostado à almofada ao lado de Paula. Ficou a observar o quarto, na penumbra, por algum tempo.

- Tu não ficas assim, com outros homens...pois não?

Ela fica quase um minuto inteiro para responder, num sussurro.

- Não.

Ele reflete sobre o assunto, enquanto ouve os sons filtrados e esbatidos vindos da rua.

- Sob pena de estar a proferir um monumental disparate, eu diria que isso só é assim porque não sentes nada por eles.

Ela mexe-se no seu lado da cama, voltando-se na sua direção. Levanta o seu olhar para encontrar o dele que, entretanto, se fixara nela. Na obscuridade do quarto, ele não repara que os seus olhos estão inchados, vermelhos, e prestes a verter uma torrente de lágrimas.

- Sim...sim – A voz treme-lhe – É isso...Jaime, é isso.

## Trauma

E chora. Paula deixa cair a cabeça no colo dele, coberto pelo lençol e a colcha, e chora, convulsivamente. Descontroladamente. Jaime passa a mão sobre a sua cabeça e acaricia-lhe o cabelo, enquanto ela treme, fungando constantemente. No silêncio que se seguiu, ele permite que escorram pelas bochechas abaixo algumas lágrimas da sua autoria, enquanto sente o sono a aproximar-se lentamente.

A vida seguia o seu curso. Paula fazia o que podia para dar uma aparência de normalidade, mesmo que isso implicasse risco para outras pessoas. Sentia-se esquisita, distraída. O problema é que tinha operação marcada, e não podia falhar. No bloco operatório, o silêncio era total, com exceção dos discretos zumbidos dos aparelhos necessários à intervenção. Ao retirar as luvas, na higienizadora, lembrou-se do ditado popular: “Com os olhos não se brinca”. Irritou-se por lhe estar a ocorrer aquilo, naquele momento. Nesse momento, a enfermeira abriu a porta que separava as duas salas, ainda completamente equipada da operação.

- Doutora, desculpe interromper, mas penso que não corrigiu a posição do ‘flap’, para o assentamento final.

Paula estacou, muito rígida. Agora estava, positivamente, irritada. Apressadamente, secou as mãos.

- Foda-se – Deixou sair entre dentes – Traga-me um novo par de luvas – Ordenou.

A enfermeira obedeceu, de sobrolho carregado, mas com eficiência. Paula remeteu-se ao silêncio, enquanto calçava as luvas e se recriminava interiormente. De face trancada, voltou a entrar no bloco operatório.

- Temos quinze minutos, no máximo – O anestesista consultava os números no analisador de sangue.

Paula voltou a debruçar-se sobre o paciente. Sentia a pressão, mas o treino que recebera mostrava-se eficaz: as mãos não tremiam, mesmo sob stress. Sabia que não tinha muito tempo, mas era suficiente. O problema era que, sem o ajuste do ‘flap’ para a posição final, o paciente poderia vir a desenvolver maiores deficiências de visão que já trazia antes da operação, uma infeção ou mesmo embaçamento permanente da vista. Mas Paula era profissional, pelo que fez o que a profissão lhe exigia, e resolveu o problema. Havia, no entanto, que resumir o sucedido no relatório da operação. Aí, não havia como escapar pois havia testemunhas. Quando o chefe a chamou ao gabinete, já sabia o que a esperava.

- Paula, já deve suspeitar a razão para a ter chamado aqui, hoje – O chefe, embora calmo, apresentava sinais de preocupação, sendo um deles passar com a mão esquerda lenta, mas repetidamente, sobre a careca. Com a folha do relatório na sua mão direita, leu de novo o resumo do mesmo. A jovem médica, à sua frente, mantinha uma expressão endurecida – Mas, antes disso, deixe-me dizer-lhe que você é dos nossos melhores médicos, e que tenho confiança em si.

O sobrolho dela relaxou um pouco, antes do chefe continuar.

- Por outro lado, confesso, este relatório deixa-me preocupado – Pausa mais um pouco, antes de continuar, com a mão em cima da careca, voltando a colocar a folha sobre a secretária – É que você sabe, e eu sei, que este paciente poderia ter ficado marcado permanentemente. Ou quase. Não aconteceu, o que é ótimo, mas a situação foi, definitivamente, de alto risco. Não pode voltar a acontecer. De resto, como acabei de dizer, tenho confiança em si.

A jovem médica sentia, lá por dentro, a vontade de chorar a crescer, mas mantinha-a em baixo, longe da superfície.

André Coelho

- Eu sei que fiz asneira – Enviou, na direção do chefe, um olhar resolutivo – Mas não volta a acontecer. E, se voltar, eu própria trato de me demitir.

- Estou certo que não irá chegar a esse ponto – O tom do chefe era agora mais suave – Olhe, porque é que não tira uns dias de folga? Veja com a Sara, dos recursos humanos, mas acho que seria bom para todos. Pelo que consultei, não tem operações marcadas nestes próximos dias, e as consultas que tem podem ser adiadas. Que lhe parece?

Quando chegou a casa, nesse dia, Jaime não estava. Ela já sabia disso: era o jantar da empresa, todos os anos o faziam. Mas, coincidência ou não, estava esfomeada. Já não sentia vontade de chorar, mas sim de rir. Ia tirando coisas do frigorífico, e ria-se do que estava a fazer. Embora não soubesse o que era engraçado, constatava que não conseguia parar de rir. Nem de comer. “Estou a ficar maluca”. Em três quartos de hora, comeu tudo o que estava no frigorífico. Fez arroz, ovos, salada, comeu queijo e presunto, espremeu o pacote inteiro de maionese. Quando acabou, mal se conseguia levantar. Já não ria. Ao invés, sentia um desconforto no estômago a crescer. Sem energia nem disposição para pegar na loiça suja, arrastou-se até à sala. Deixou-se cair no sofá, cada vez mais nauseada. Começava a doer-lhe a cabeça. “Acho que vou vomitar”. Mas não se levantou imediatamente. Estava cansada e apetecia-lhe desistir. Ficou assim uns minutos, a entreter a náusea e uma gama alargada de pensamentos negativos. Mas quando o fluxo do vômito fez pressão no topo do estômago, levantou-se num impulso e precipitou-se na direção da casa-de-banho. Mal teve tempo de abrir a tampa da sanita. Os movimentos involuntários deixavam-na com dores nos músculos e ardor no esófago e garganta. Agora sim, chorava. Só parando para vomitar mais um pouco.

Jaime encontrou-a sentada no chão da casa-de-banho, ao lado da sanita, lívida, com o cabelo molhado e a roupa suja.

- Oh, querida... - Agachou-se e levantou-lhe a cabeça. Ela devolveu-lhe um olhar alheado, inexpressivo – O que é que aconteceu?

Mesmo sem obter resposta, ele começa a tratar dela, que vai colaborando passivamente. Ajuda-a a levantar-se, a despir-se, a entrar na banheira. Limpa a sanita e as imediações, enquanto ela toma banho. Desce à cozinha, arruma e limpa o que precisava de ser arrumado e limpo. Volta para cima, encontrando-a deitada, por baixo do cobertor, muito direita e quieta. Mas ainda acordada.

- Paula, o que é que aconteceu?

Ela abre os olhos, vendo-o, de mãos tombadas junto às pernas, ao lado da cama. Na sua face, sobre a almofada, profundas olheiras e uma expressão triste.

- Não sei ao certo – Esboçou um fraco sorriso – Mas isto eu sei: na quarta-feira tenho sessão com o doutor e, desta vez, vou-lhe contar.

Jaime senta-se no bordo da cama, aproximado a sua cabeça da dela, e acaricia a sua bochecha.

- Vais-lhe contar o quê, querida?

Ela revira os olhos e vira-se, devagar, para o seu lado de dormir.

- Agora não te posso contar – Acrescenta, a meia-voz.

O corpo de Jaime fraqueja, na súbita tristeza de se sentir excluído. Mas lá se mexe, como um autómato, para vestir o pijama, fazer chichi e lavar os dentes. “Quanto tempo vou aguentar isto?”.

## Trauma

Sem obter resposta, cospe a espuma da pasta e a água para o lavatório da casa-de-banho privativa do quarto.

- Mas, Jaime... - Ele ouve o seu nome, ao fechar a água – Obrigado.

Aquela palavra, tão só e singela, foi suficiente para afastar a tristeza e fazê-lo sorrir. A esperança, a proximidade que entregava...quando saiu da casa-de-banho, a sua disposição tinha mudado completamente. Deitou-se, calmamente, ao lado dela e envolveu-a com um dos braços.

- Boa noite. Dorme bem – Diz, de olhos já fechados.

- Tu também.

Dessa vez, agradeceu à secretária simpática do doutor. Até lhe dedicou um breve sorriso. No entanto, as mãos tremiam-lhe e sentia um aperto na garganta. O doutor parecia confiante, apesar do sorriso desconfortável de Paula.

- Proponho o seguinte – Prontamente se levantou, para os já habituais exercícios respiratórios em pé – Respiramos primeiro e, a seguir, conta-me tudo o que veio cá hoje contar. Pode ser?

Paula acedeu afirmativamente, levantando-se também. Cumpriram o protocolo habitual, fruto do trabalho continuado das sessões anteriores: três grandes inspirações e expirações primeiro, seguidamente apenas sentir o corpo na respiração normal, depois respiração quadrada por mais cinco minutos, outros cinco minutos de inspirações e expirações acompanhadas de movimentos e, finalmente, observar a respiração natural até o doutor considerar suficiente. Consideravelmente mais calma, Paula voltou a sentar-se. Deste vez, o doutor foi buscar a sua cadeira ao outro lado da secretária, colocando-a à frente da de Paula, e sentando-se na mesma. Ainda assim, ela hesitava.

- O meu papel aqui, Paula, é acolher o que quer que seja que tenha para partilhar, com toda a compaixão e sem julgamento.

Ela dirige-lhe um olhar furtivo, desviando-o imediatamente, de seguida, para os seus pés. À medida que as memórias a floravam, abria e fechava os olhos com força, libertando lágrimas. Leva as mãos à cara. Quando falou, a voz saiu entrecortada, e abafada parcialmente pelas mãos e pela humidade.

- Ainda sinto o seu cheiro a bebida...A forma sorrateira como entrava no meu quarto. O meu pai...o meu próprio pai – Interrompe-se, o seu corpo contorcendo-se com a repulsa, a impotência e o medo.

O doutor levanta as mãos, mostrando-lhe as palmas.

- Posso colocar as minhas mãos aqui, sobre os seus joelhos?

Por sobre o ranho, e a baba, Paula contempla, por uns instantes, aquela proposta. Aproveita a pausa, e a tomada de consciência, para ir buscar um lenço à carteira. Desculpando-se, o doutor lembra-se que sempre tinha uma caixa de lenços sobre a mesa, oferecendo-a, de imediato, a Paula. Ela, entretanto, já se assoava, pelo que pousou a caixa, de novo, em cima da mesa, voltando a colocar as palmas das mãos no ar, à frente dela. Num microssegundo, o seu impulso foi de recuar perante aquele gesto de mão aberta, mas no instante seguinte estabelece a conexão entre aquelas mãos e um contacto amigo, possível ali, com ela, no presente.

- Sim...



André Coelho

O doutor baixou as mãos devagar e, cuidadosamente, colocou-as sobre os joelhos de Paula. Com isso, sentiu o corpo dela relaxar um pouco mais.

- E eu gostava dele...era o meu pai. Como é que foi possível? Quando ele se enfiava em mim, era como estar amarrada a uma cama – Os olhos dela saltitavam, vítreos, enquanto se permitia recordar, descrevendo o que tinha acontecido, e o que tinha sentido – Não me conseguia mexer...e nem era porque ele me agarrava muito, ou com muita força. Ficava paralisada de medo. A sensação que dava era a de estar fechada, dentro da minha cabeça, enquanto o meu corpo fazia aquilo, completamente sozinho – Assou-se novamente – Ele, a seguir, sussurrava sempre muitas desculpas...eu nem percebia bem o que ele dizia, mas sabia que estava a desculpar-se. Era só quando ele saía do quarto que eu era invadida por uma repulsa imensa, um nojo...assim uma sensação de agonia, na eminência do vômito. Só de estar a falar disto já me sinto maldisposta...

- Oh, Paula...isso foi mesmo difícil. Essa invasão, a agressão...sem conseguir escapar – O doutor retira as mãos de sobre os joelhos da sua paciente, colocando-as, em forma de prece, com a ponta dos dedos a tocar no seu próprio queixo.

Olhou para ela, focado, vendo claramente a sua face lívida, os seus olhos vermelhos e húmidos do choro, o cabelo despenteado – Foi duro, mas você sobreviveu. Você é uma sobrevivente. Convido-a a reconhecer essa parte de si que a protegeu, aprendeu a lidar com a situação como pôde, e trouxe-a, viva e consciente, até este dia, nesta sala.

Paula ouviu aquilo, e só chorou. Uma vez que já tinha usado o lenço que trazia na mala, aceitou a caixa de lenços que o doutor lhe ofereceu.

- Use os lenços que quiser, e durante o tempo que quiser. Mas há mais, Paula: há a certeza de que já acabou, de que esses dias terminaram. É um facto que ainda o sente no corpo, na mente e no espírito, mas a verdade é que a sua vida é, agora, completamente diferente, e relaciona-se com um homem que gosta de si, e a respeita.

- Pois esse é que é o problema!! – Paula liberta a voz, gritando, de punhos cerrados. Mas a descarga ajuda-a a equilibrar-se para o que se seguia – Eu não consigo estar com ele, doutor...fico tão...não consigo. Assim que ele se aproxima, vem-me esta agonia, uma vontade de vomitar. Fico tão maldisposta que não consigo avançar. Não sei o que fazer...e ele também não. Andamos nisto há uns dois anos – Nessa constatação, ela vira a cabeça para a janela, numa tentativa de ocultar a raiva, sob o olhar atento do doutor. No entanto, bastaram uns segundos para que essa raiva se transformasse em tristeza – Desde que o bebé morreu... Eu não era assim, doutor. Não sei o que me deu. Eu não sei...

E leva as mãos à cara novamente, soluçando. O doutor, à sua frente, sente a sua versão daquela tristeza, uma parte daquele desespero de não saber.

- Sinto vontade de a abraçar. Se for confortável para si, claro.

Por trás das mãos molhadas, Paula ainda arranja energia para responder.

- Pode ser...

Delicadamente, o doutor levanta-se e coloca-se de cócoras, ao lado da cadeira de Paula, estendendo os seus braços à volta dela. Aquele contacto amigo, acolhedor, e completamente desprovido de qualquer intuito sexual, comunicava-lhe que não tinha culpa, que se podia libertar. Ela enchia o casaco do doutor, sobre o ombro, com lágrimas e ranho, mas não se importava.

- Isso...chore à vontade. Está tudo bem.

## Trauma

Mais calma, e depois de secar os olhos, Paula recosta-se na cadeira, exausta.

- Eu diria que, se calhar, hoje ficamos por aqui – O doutor recupera o seu lugar na cadeira à frente dela – Mas aproveito para dizer que o que acabou de fazer requer imensa coragem. Queria dar-lhe os parabéns por isso.

Ela levanta os olhos para o doutor, esboçando um sorriso cansado. Estava na hora de ir para casa e dormir.

- Recomendava-lhe que hoje se deitasse cedo. Nota-se que está cansada, e isso é perfeitamente normal. Não era, aliás, de esperar outra coisa. Foi uma descarga emocional considerável – O médico levantou-se e voltou à sua secretária, escrevendo algo no computador – Se calhar não sabe, mas...ou, provavelmente, sabe, já que também é médica, que dormir é das formas mais eficazes de transformação mental. Chamamos-lhe “plasticidade”.

- Já tinha ouvido falar, num vídeo do Youtube – Paula reúne as suas coisas, preparando-se para sair – Já agora, tem um copo de água? Estou com uma sede desgraçada.

- Sim, claro – Estende o braço para a mesa baixa, ao lado da janela, onde estava uma garrafa colorida, com água, acompanhada de dois copos. Enche um deles e entrega-lhe, ficando a observá-la, pacificamente, enquanto ela bebe.

- Só mais um par de coisas, antes de sair – Faz uma pequena pausa, para garantir toda a atenção da sua paciente – Esta questão do sono é importante. Tente mesmo dormir noites inteiras. Assim oito ou nove horas, pelo menos. E não apenas hoje, mas todas as noites. Outra coisa: isto é apenas o início. Ou seja, o que aconteceu hoje foi intenso, foi importante, mas foi um início. Não é de esperar que chegue a casa e os seus comportamentos aprendidos tenham simplesmente desaparecido. O que aconteceu aqui foi uma tomada de consciência do que sente, foi encarar as memórias dolorosas...iniciando-se assim o luto relativamente a partes de si que a mantiveram viva durante este tempo todo, mas que já não são necessárias. Agora, é preciso ensinar ao corpo, o seu organismo, uma forma de estar menos reativa, mais confiante relativamente a si e aos outros. Esse ensinamento processa-se, em grande medida, ao nível do subconsciente, havendo técnicas específicas para isso. Estamos agora no final desta sessão, e você está visivelmente exausta, pelo que não vou alongar-me sobre o assunto, mas era só para que vá para casa sabendo que, por mais perturbantes que sejam as suas sensações físicas, e mentais daí decorrentes, há formas de modificar isso. É um processo lento, que exigirá de si coragem, perseverança e muita auto compaixão, mas de eficácia garantida. Quero que vá para casa sabendo que não há casos perdidos, e que há sempre forma de ajudar o nosso cérebro a encontrar uma forma saudável de funcionar.

O breve discurso arranca de Paula uma última lágrima que escorrega, solitária, pela bochecha abaixo. Mas ela não comenta. Há uma parte de si que não acredita na possibilidade de mudança, e que está condenada ao seu comportamento atual. Outra parte, no entanto, sabe que foi precisamente por permitir a existência dessa possibilidade que a levava a aceitar o desafio de consultar o doutor. Enquanto faz o caminho de regresso a casa, ao volante, sente as marcas desse medo, e desse amor, cada um à procura de espaço e a lutar pela sobrevivência dentro de si.

Acreditando ou não, o facto é que Paula andava melhor. Mais descontraída. Ainda ia às sessões com o doutor, agora com menos frequência, mas fazia os tratamentos que este recomendava. Felizmente, este não a enchia com comprimidos. Ao contrário do que sabia ser o caso de outros psiquiatras, este

não lhe passara nenhuma receita. Para ela era um alívio pois muito embora, por também ser médica, passasse medicação com frequência a pacientes seus, detestava medicamentos. Já eram muitos anos a lidar com farmacêuticas e a sua imparável sede de vendas e de lucro. Achou estranho, no entanto, quando este lhe sugeriu que começasse a fazer ioga.

- Ioga? – As suas sobrancelhas arranjadas faziam um arco quase perfeito sobre os globos oculares – Mas... com todo o respeito, doutor, mas o que é que o ioga tem a ver com a minha situação?

- Hum... - O doutor sorriu ligeiramente, emprestando um tom paternalista à explicação – Tem tudo a ver. Como já reparou, aqui comigo, e consigo própria, o corpo não esquece o que lhe aconteceu no passado, mais ou menos longínquo, portanto suspeito que o ioga vá constituir um desafio que o seu corpo precisa de encontrar. O de estar, e manter, posições que recorda como dolorosas, e que revê com um certo pânico.

- Então e estar nessas posições vai fazer-me bem? Não entendo como.

- Vai – Agora o tom abandona o paternalismo, para se tornar mais didático – Está a ver o efeito de estar aqui comigo, a contar a sua história, e a reviver, agora em segurança, aqueles momentos difíceis? A um outro nível, mas é semelhante. O seu organismo precisa de ser ensinado a voltar a estar nessas posições, reconhecendo agora, no entanto, que está em segurança.

Paula pisca os olhos, de frente para o doutor, digerindo a informação. O doutor aproveita para discorrer mais um pouco.

- É essa sensação de segurança que estamos à procura. E o seu organismo sente-a, mesmo que não consiga exprimi-la por palavras. Sentindo-se em segurança, e na companhia de alguém que lhe quer bem, não haverá lugar para sensações de repulsa, ou pânico. Mas, lá está, isto são só palavras. O desafio, e o seu trabalho agora, com a minha orientação, é dar ao corpo a oportunidade de entender que, afinal, está tudo bem, e que pode, finalmente, relaxar. Ah, outra coisa, gostava que fizesse umas sessões de retro-alimentação neurológica.

- Retro-quê??

- Retro-alimentação neurológica – O doutor repetiu, sem levantar os olhos do papel onde escrevia. Ao terminar, estendeu o braço a Paula, entregando-lhe o papel, sorrindo agora mais abertamente – É um procedimento de treino mental, que ajuda a modular a frequência e intensidade das ondas cerebrais, em áreas específicas do cérebro, de forma a que este aprenda a funcionar em regimes ondulatórios mais saudáveis.

- Meu Deus, doutor... - Ela pega no papel, hesitante – Em que é que me estou a meter, exatamente?

- Oh, não se preocupe – Cruzou os antebraços sobre a mesa, numa pose satisfeita – Tem oitenta e cinco por cento de taxa de sucesso, e não traz efeitos secundários. Na pior das hipóteses, fica como está agora. A única desvantagem é que não é participado; o máximo que posso fazer é enviar esta receita, através de si, para a clínica que aí refiro. Não colho daí qualquer benefício, a não ser a certeza de que irão fazer consigo um bom trabalho, pois já lhes encaminhei vários pacientes, e todos melhoraram com o tratamento.

- Melhoraram, como? – A sua pergunta misturava dúvida, curiosidade e preocupação.

- Olhe...sei lá, por exemplo. Um dos meus pacientes é veterano de guerra. Apesar de já terem passado mais de quarenta anos sobre os seus dias de combate, na Guiné, ainda carregava memórias, sentidas na mente e no corpo, das atrocidades que lá tinha assistido e cometido. Isso tornava-o hipersensível,

## Trauma

amedrontado e, por vezes, irascível. Tinha muita dificuldade em relacionar-se com as pessoas. Um dos efeitos do tratamento neuronal foi permitir que o seu cérebro armazenasse essas memórias juntamente com as restantes, dissociando-as do presente, logo diminuindo drasticamente as manifestações somáticas. Embora ainda o acompanhe ocasionalmente, ele tornou-se uma pessoa mais moderada, confiante e afável.

- Hum...ok.

- Experimente – Encarou-a, agora mais sério – Eu sei que é dispendioso. Mas, se puder, não deixe de o realizar. Da minha experiência como médico, sei que é algo que funciona.

- Sinto-me como um daqueles ratinhos de laboratório...

- Se calhar preferia que lhe passasse umas receitas de comprimidos.

- Oh não, credo...

- Paula, confia em mim?

- Claro que sim, doutor.

- Desculpe a minha frontalidade, mas olhe que nem sempre foi assim – O retorno foi um momento de silêncio introspetivo – Eu quero que confie em mim, note-se. Aliás, o sucesso do seu tratamento depende disso. Por outro lado, e, se calhar, vai soar-lhe contraditório, mas não é preciso que acredite em mim. Nem no que possa encontrar escrito sobre as várias facetas deste tratamento. O que interessa, realmente, é a alteração no que você sente. Do meu lado, saberei que está a funcionar quando um paciente me diz algo do género: “Doutor, não sei explicar porque é que foi assim, mas senti-me bem. Por momentos, senti-me seguro”. Ou segura. Estamos a lidar com partes do cérebro que não falam, por assim dizer. Sentem, apenas. Dentro da cabeça, ou no resto do corpo, ou em ambos, mas para falar sobre isso temos outras partes do cérebro, que não comunicam com as primeiras, não de uma forma direta. Mas, lá está, Paula, isto são só palavras. Se lhe interessar, ainda assim, tenho imensa bibliografia sobre o assunto, que lhe posso recomendar. Quem sabe se um dia não envereda por uma especialização em psiquiatria, para empilhar em cima da sua especialização em oftalmologia – Paula emite uma risadinha contida, corando ligeiramente – O que lhe quero realmente transmitir é que uma pessoa pode saber tudo, cognitivamente, sobre o que se passa dentro da sua cabeça, e ainda assim não conseguir mudar o que sente. Estes tratamentos são concebidos para ir diretamente às partes do cérebro que necessitam de assistência, mas que são insensíveis às palavras. De si, não se está a exigir mais do que confiar que estes podem ajudar, mesmo que não compreenda, racionalmente, o que está a acontecer.

- Eu não disse que não ia fazer.

- Ótimo. Espetacular – O doutor levanta-se, da sua cadeira do outro lado da secretária, e estende-lhe a mão, que ela aperta, cordialmente. Apesar da partilha de informação íntima, e de toda a exposição emocional, as despedidas eram tacitamente formais. Mas nenhum parecia incomodado com isso – Vemo-nos daqui a duas semanas?

- Conte com isso.

Quando chegou a casa, nesse dia, ele já estava deitado. Sabia que tinha demorado mais tempo do que lhe tinha dito que ia demorar, mas sentia-se bem. Apenas bebera um par de imperiais, e divertira-se

André Coelho

com a sua velha amiga, que já não via há bastante tempo. Olhou para o relógio: dez e meia. Ele gostava de se deitar cedo, pelo que não estranhou. Mas não tinha sono. Ao invés, sentia-se algo acelerada. Num reflexo, preparou-se para se deitar, depressa e tentando não fazer muito ruído. Passados quinze minutos, após ter entrado em casa, estava a deslizar para debaixo dos lençóis, ao lado de Jaime. Entrelaçou os seus pés frios nos dele, ao fundo da cama. Ele sentiu o calafrio de imediato, mas gostou do contacto. Essencialmente, gostou da iniciativa e do carinho que a motivara.

- Boa noite. Já reparaste que trouxe um presente – Ela estava, definitivamente, bem-disposta. Na penumbra do quarto, ele não evitou um sorriso.

- Sim...assim tipo um gelado. Mas não muito doce.

Ela chegou-se mais perto dele, passando o braço por cima do seu peito.

- Oh, mas eu consigo ser doce – E encostou-se ainda mais a ele, aproveitando para lhe beijar a orelha. Surpreendeu-a vê-lo recuar, e encolher-se, como um caracol a enfiar-se dentro da carapaça.

- O que se passa, amor?

Ele debatia-se, num inexplicável pânico.

- Não sei, Paula... - Entretanto, adquirira uma posição fetal, enroscado no seu lado da cama – Sinto-me estranho. Dói-me o peito.

Ela deixou-se ficar, pousando a cabeça em cima do pescoço dele, tentando processar aquilo. Já não se sentia alegre, mas a repulsa não voltara. Em seu lugar, insinuava-se uma tristeza pesada.

- Estás assim, e a culpa é minha...

Rodando a cabeça ligeiramente, encostou a sua bochecha à dele. Percebeu que ele chorava, pelo molhado e pelas tremuras que lhe transmitia.

- Jaime, eu...eu nunca quis que as coisas fossem assim – a voz dela era um fio, só audível pelo facto da sua boca estar tão perto da orelha dele, e pelo quarto estar tão silencioso – Eu sei que fiz muita merda. E a repulsa que ainda sinto...agora compreendo melhor. O doutor tem-me ajudado.

Mas ele não reagia.

- Jaime, por favor – Agora eram as lágrimas de Paula que rumavam à superfície.

Apesar da súplica, ele só falou quando a sensação de pânico se atenuou, e o fluxo de lágrimas estancou.

- Diz-me só: estiveste com alguém? – A voz dele saiu monocórdica, provinda de um corpo completamente estático.

- Como assim? Hoje?

- Se estiveste com algum homem.

- Não!...credo, não – Ela levantou o tronco, de repente, apoiando as mãos sobre o torso de Jaime – Estive com a Beatriz, uma velha amiga – A recordação fê-la sorrir – E divertimo-nos imenso.

- Ok...

## Trauma

Mais animada, volta a aproximar-se dele, agora numa atitude mais sexual. Ele colaborou, mas a sugestão de sexo não animou o seu corpo.

- Não sei, Paula...parece que agora sou eu – Pôs-lhe as mãos à volta da cintura, mas estava desconfortável – Não sei...estou esquisito.

Deitada sobre ele, esticou o braço para acender o candeeiro sobre a mesa de cabeceira. Ambos piscaram os olhos, com a súbita iluminação dos seus rostos.

- Esquisito, como? – Sem se levantar, colocou os cotovelos em cima do peito dele, elevando a cabeça.

- Eu quero estar contigo...eu gosto de ti – Remexe-se, por debaixo do peso de Paula – Mas algo me puxa para trás. Acho que estou com medo...só não sei do quê.

Ela exhibe um sorriso pensativo.

- E se viesses comigo?

- Onde?

- Indiretamente, o doutor já o referiu um par de vezes...

- Queres que vá contigo a uma consulta?

Ela acena, afirmativamente. Ele fica só a olhá-la nos olhos, a testar a seriedade da proposta. Por um lado, sentia-se atraído, por outro soava-lhe ridículo.

- O que é que ele vai fazer comigo?... Receitar-me comprimidos contra a depressão?

Movida por uma pontada de irritação, ela sai de cima dele, deitando-se ao lado, de barriga para cima, e cobrindo-se com os lençóis. Ele, hesitante, desliza para a posição sentada, com a almofada atrás das costas e fazendo sombra sobre o rosto de Paula.

- Numa das sessões, ele disse-me: cada um de vocês prossegue com o seu próprio processo, mas nenhum de vocês avançará muito sem o desenrolar do processo do outro.

- E tu concordas?

- Admito não ter pensado muito nisso...mas começo a ver que ele é capaz de ter razão.

Jaime vira a cabeça para ela, que jaz imóvel, de olhos fechados. Invade-o um arrepio.

- Há um lado assustador, nisso – Eleva as mãos ao seu próprio pescoço, massajando suavemente – Por outro...não sei, soa a verdade. Mas não sei se estou preparado.

Paula abre os olhos, vendo a cara do companheiro de baixo para cima, contemplando, com ternura, a sua barba mal aparada.

- Eu sinto repulsa, tu sentes medo... duvido que irmos a uma consulta com o doutor vá agravar esse estado de coisas – Segura-lhe a mão, por debaixo dos lençóis – E já nos conhecemos há tanto tempo...

Ele solta a expiração, cedendo ao cansaço e à necessidade de aceitar a proposta. Não estava confortável, mas também não via alternativa. Deixou-se deslizar de volta à posição horizontal, sem largar a mão de Paula. Com a outra mão, silenciosamente, desliga o interruptor do candeeiro.

André Coelho

- Em tempos, quando eu fazia terapia de casal, a primeira coisa que dizia aos pacientes era que noventa por cento das pessoas que recorriam àquelas sessões faziam-no para se separarem – O doutor falava, encostado à secretária, para Jaime e Paula, ambos sentados à sua frente. Trocaram um olhar de preocupação – Mas não se preocupem. Tenho perfeita consciência de que não é para isso que aqui estão. No entanto, e porque a questão da separação é tão sensível para a generalidade das pessoas, não fôssemos nós seres humanos, convido-os, por uns instantes, a contemplarem claramente essa hipótese.

- Contemplar, como? – Jaime fixa o doutor, desafiador.

- Acho que o doutor foi claro, Jaime...

- Sim, mas eu não estou a pensar em separação – As suas sobrancelhas adquiriram um formato contraído. Ao virar a cabeça para Paula, estas mudaram para um arco de dúvida.

- Calma. Eu não disse que vocês se iam separar, nem que estavam a contemplá-lo. Apenas vos convidei a tomar consciência dessa hipótese. Da minha experiência, é algo útil quando estão em causa forças subconscientes, que poderão empurrar-nos noutra sentença – Fez uma pausa, à procura de um sinal de entendimento do casal – E penso que cada um de vocês também sabe do que estou a falar.

- Como é que isto se vai processar, doutor? – Paula tentava seguir o conselho do médico, estendendo o braço para tocar no ombro do parceiro.

O doutor mostra-lhes um sorriso enigmático.

- Como ainda agora vos dei a entender, eu já não faço terapia de casal. Isto é apenas uma apresentação, para eu e o Jaime tomarmos um primeiro contacto, e para vos dar um enquadramento das coisas daqui para a frente.

- Como assim? – Jaime continuava defensivo.

- As pessoas às vezes fazem coisas, não porque sintam que querem, mas porque sabem que precisam – Focou o olhar sobre ele, mas logo o colocou sobre Paula – Sou franco com vocês: se estão aqui com a expectativa de resultados fáceis, e rápidos, estarão certamente no local errado. O cérebro é um órgão muito complexo, mas muito eficaz a otimizar o seu funcionamento. Precisamente por ser tão complexo. Mas isso implica que, por vezes, o funcionamento mais eficaz, num dado momento, não é necessariamente o mais saudável. Eu estou aqui para ajudar os vossos cérebros a descobrir outros modos de funcionamento, desligando uma série de alarmes internos, fora do vosso controlo consciente, para que possam viver, juntos ou separados, de forma mais relaxada, confiante e feliz.

- Ok, certo. Mas se isto não é terapia de casal, então o que é que estamos aqui a fazer?

O doutor decide atalhar.

- Algum de vocês já praticou meditação?

À sua frente, ambos abanam a cabeça.

- Bom, eu, não sei se isto conta, mas nas aulas de ioga, antes do final, fazemos sempre uma pausa, sentados na posição de lótus, em que o instrutor nos diz: “Agora, prestem atenção à vossa respiração, sem querer alterar nada”...

- Isso é meditar.

## Trauma

- A sua ideia é pôr-nos a meditar juntos? – A voz de Jaime adquire um tom irónico, mas o doutor mantém-se sereno.

- Não. A meditação é uma técnica estritamente individual. Muito embora, note-se, meditar com outra ou outras pessoas pode ser benéfico, nem que seja pela sensação de companhia, e para ajudar a manter a regularidade – Olhou para o teto, por um instante, procurando inspiração e capacidade de síntese – Em resposta à sua pergunta, e como disse há pouco, isto é só uma apresentação. Porque os vossos processos terão de ser acompanhados em separado. É na vida, na vossa vida do dia-a-dia, que essa junção se propicia, e vocês podem experienciar o desenrolar do processo um do outro.

Paula e Jaime trocam um novo olhar, agora expectante. Continua o doutor.

- Se concordarem, seguirei o processo de ambos, em separado. Será com vocês, se quiserem ou não, de ir partilhando com o outro o que acharem que querem, ou precisam. Sentirão necessidade de falar, e é bom que o façam, de vez em quando. Da minha parte, manterei estrito sigilo relativamente à informação do outro. Na sessão com um de vocês, o foco deverá ser nesse paciente, pelo que incursões no processo do outro não o beneficiam de forma alguma. Concordam?

Ambos abanaram a cabeça para cima e para baixo.

- Não ouvi. Concordam?

- Sim.

- Ah...sim.

O doutor desencosta-se da mesa, ajeitando a gravata.

- Ótimo. Desculpem esta coisa da gravata, mas hoje tenho um congresso. Prometo que a tiro assim que terminar – Com um largo sorriso, estende-lhes a mão, à vez, para um passou-bem de confirmação – Ótimo. Esta pode não ser uma daquelas estórias de “tiveram muitos filhos e viveram felizes para sempre”, mas garanto-vos que vocês mudam. Vocês mudam, mesmo que disso não se apercebam a todo o instante, e até mesmo que não acreditem que essa mudança seja possível. Com um gesto, convida-os a levantarem-se, guiando-os até à porta – Porque, lá está, neste Universo a única constante é a mudança. Até para a semana?



André Coelho

## Rafael

Não sei como é que ainda estou vivo. Nos últimos três anos as coisas mudaram tanto que já nem reconheço como inteiramente minha a minha vida de antigamente. Quer dizer, eu sei que vivi aquilo, mas sinto as coisas, agora, como se fosse à distância. Como se aquelas fossem as memórias de outra pessoa. Também descobri que gostava de ler. E a escrita...bom, essa foi ficando, depois de horas e horas a escrever para conseguir rearranjar, de alguma forma organizar a minha cabeça. Acabei por lhe ganhar o gosto. Portanto, por onde começar?

Talvez comece por dizer que fiz carreira militar. É verdade. Eu sei que, a julgar pela minha vida atual, isso talvez seja difícil de acreditar, mas juro por Deus que é verdade. E nem sequer acredito em Deus, mas a referência pareceu-me adequada. Filho único, a viver com os pais num subúrbio da cidade, o que é que eu ia fazer, acabado o 12º ano? Continuar a estudar, o que eu detestava, ou ir trabalhar para um escritório qualquer...qualquer uma dessas perspetivas me dava náuseas. Andei ali a engonhar durante um ano, a entregar pizzas e a fazer recados, até que os meus pais me encostaram à parede: “Ou arranjas um trabalho que te sustente, imediatamente, ou vais estudar mais, para arranjares um trabalho que te sustente, mais tarde”. Ainda me lembro, textualmente, das palavras da minha mãe. Portanto, na falta de ideias, e de alternativa, fui inscrever-me no Exército. Exato, era um miúdo sem nada na cabeça, mas que tinha, curiosamente, um certo talento para disparar. Os meus pais tinham a casa da quinta, onde ainda vivia a minha avó, na altura. Ela agora estará no céu, creio eu, depois de algumas voltas na tumba. Desde puto que eu ia para a quinta, principalmente nas férias. O meu avô caçava, e também tinha uma pressão de ar. Não havia nada para fazer, portanto eu disparava os chumbinhos. E disparava. E, a seguir, disparava mais um bocado. Eles não ligavam muito, porque eu estava entretido, mas logo aí havia uma certa adição. O meu avô acabou por perceber isso, e começou a levar-me com ele para a caça. Ao princípio, apenas me punha a encontrar e identificar os animais, mas tanto implorei para disparar a caçadeira, que lá acabou por ceder. Na primeira vez, fiz uma luxação no ombro, o que me valeu não disparar mais durante duas semanas. Mas as férias ainda iam no início, e eu aguentei a dor, e a ansiedade. Antes do final dessas férias estava a disparar outra vez e, dessa vez, para acertar. O meu avô não dizia nada – ele era extremamente calado – mas via-se no seu olhar, o espanto e o orgulho naquele fedelho de doze anos, magro que nem um espeto mas rijo como um caminho de terra batida. Os meus pais apareciam ao fim-de-semana, durante as férias, e levavam-me à praia ou a fazer piqueniques, mas não ficaram radiantes com a estória dos disparos. Lembro-me de os ouvir falar com o meu avô, que os ouvia com um olhar compenetrado, mas não lhes respondia à letra. Aliás, não lhes respondia quase nada. E, na semana seguinte, lá estava eu a disparar outra vez. O que é facto é que nunca levei um tiro e, como aparentemente isso parecia não afetar o resto da minha vida, os meus pais acabaram por internalizar, e normalizar, a coisa. Eu era apenas um filho seu que disparava armas de fogo. Mas, lá está, eu era apenas um miúdo, e não tinha a mínima noção do que é que aquele talento significava, ou se era suposto significar alguma coisa, ou sequer se era um talento. Só me apercebi disso, verdadeiramente, no dia dos testes para a recruta. Aquilo era um sem-fim de gente, de rapazes como eu, que não faziam a mínima ideia de onde estavam, nem do que estavam ali a fazer. Sabiam que era obrigatório, e pronto. Os tropas que lá estavam, pouco mais velhos que nós, encaminhavam-nos, para aqui e para ali, para que fizéssemos os testes. O objetivo era fazer uma triagem: saber quem estava, e quem não estava, apto para entrar no exército, e em que departamento. Sem grande motivação, lá fiz os testes que me puseram à frente. No final, mandaram-me esperar numa salinha, despida de qualquer adorno, mas impecavelmente limpa, até que fui chamado para entrar, numa outra sala.

André Coelho

- Rafael, Borges. Entra.

O soldado declara o meu nome, inexpressivo, e indica-me a porta para entrar. Entrei.

Sentado atrás da secretária metálica estava um outro tropa, envergando um camuflado e de cabeça completamente rapada, mas com uma barba de quinze dias rigorosamente aparada. Tinha a boina cuidadosamente arrumada sob a fita no ombro direito.

- Borges. Rafael – Proferiu, sem levantar a cabeça, numa voz de tenor – Senta-te.

Sentei-me. Lembro-me de sentir o rabo frio, no contacto com a cadeira, também metálica. O militar, à minha frente, ainda consultava a ficha que lhe tinham entregue. Ao fim de um minuto, que me pareceu uma eternidade, lá olhou para mim. Os olhos, de um castanho quase negro, assustavam um pouco.

- Sabes porque é que estás aqui, Rafael?

- Não faço ideia.

- Estás lembrado daquela máquina em que disparavas para acertar nuns bonecos?

- Sim.

- A média dos tiros no alvo ronda cinquenta e cinco por cento. Tu acertaste em mais de oitenta e cinco por cento dos bonecos.

- E isso é bom?

- Onde é que aprendeste a disparar, recruta?

- Ah, o meu avô tinha uma pressão de ar, e eu, nas férias, andava sempre a disparar com aquilo – Apesar do desconforto, nesse momento permiti-me a um sorriso – Depois, o meu avô começou a deixar-me disparar com a caçadeira, nos dias de caça.

- O meu trabalho aqui é apenas encaminhar-te, rapaz - Ajustou o relógio, um daqueles relógios todos artilhados dos tropas de carreira, enquanto assumia uma expressão pensativa, que terá passado rapidamente.

Do bolso do camuflado retirou uma caneta, e escreveu algo na folha que tinha à sua frente, em cima da mesa. Voltou a pôr a caneta no bolso. Num tom prático, disse-me para entregar aquele papel na secretaria, à saída do quartel. Depois, era ficar à espera que o contactassem.

- Podes ir.

Sem mais acrescentos, e sem se despedir, apontou para a porta, estendendo-me o papel. À porta da secretaria onde, através do envidraçado, se viam três funcionários de fardas castanhas simples, um deles com rabo de cavalo e mamas, olhei novamente para a folha. Esta, basicamente, listava os meus dados, nome, morada, idade, contacto telefónico, essas coisas, sobre o qual o tropa da sala anterior tinha escrito, no canto da folha em letras maiúsculas “FUZILEIROS (T. ESPECIAL?)”. Havia ainda, na folha, um círculo vermelho que alguém desenhara, à volta do número 86%. Engoli em seco, embora sentisse, também, o nervoso miudinho de algum entusiasmo. Entreguei a folha à mulher-tropa da secretaria. Esta ficou um momento a olhar para mim, assim com uma expressão um bocado parva, como se lhe parecesse estranho o conteúdo daquela folha, juntamente com a minha figura enfezada. Talvez estivesse habituada aos Schwarzeneggers que costumavam ir parar aos fuzileiros. Mas o

## Trauma

documento era oficial, e estava assinada pelo Tenente, pelo que lhe deu o seguimento habitual. Pôs-lhe um carimbo, rabiscou lá mais qualquer coisa, e colocou o papel em cima de uma pequena pilha de outros papéis, sobre uma daquelas caixas em grade metálica de tamanho A4.

- Agora é só esperares que o telefone toque – Disse-me, de braços cruzados em cima do balcão, de uma madeira nobre de tom escuro, alisada e romba de tanto uso. Foi o primeiro, e único, sorriso que vi nesse dia.

Dei uma volta enorme, a pé, para chegar a casa. Apetecia-me deambular, e não pensar em nada, embora, ao fim de cinco minutos, estivesse a pensar acerca da recruta, e como tinha ouvido dizer que era dura. E que, se calhar, nos Fuzileiros, seria ainda pior. Os meus pais andavam mais tranquilos, lá está, porque viam que eu estava encaminhado. Entregue a uma instituição sólida, na sua ótica, organizada e oficial. Algo decente, e estável. Não lhes ocorria que o filho, eventualmente, pudesse ser enviado para algum cenário de guerra, e morrer por lá. O exército, para eles, era só mais um emprego, e se era no Estado, era ainda melhor.

Esperei três semanas pelo telefonema. Queria ir para a quinta, entreter-me com a pressão de ar e com a caçadeira, mas não podia. Na altura não havia telemóveis, como há hoje, e portanto o telefone era mesmo o da mesinha no hall de entrada da casa dos meus pais, pelo que não convinha afastar-me muito dele. Apesar de me considerar alguém paciente, não tinha muito para fazer. Namorada, não tinha. Havia dois tipos do liceu, com quem me dava na altura, mas um tinha começado a trabalhar, e o outro estava a tentar entrar para a faculdade. Tive com eles um par de vezes, cada, durante esse período, mas como não podia afastar-me do telefone, foi mesmo só isso. A televisão não me interessava, e ainda não tinha começado o hábito da leitura, pelo que me punha a olhar para os livros de quadradinhos que tinha de quando era mais puto, ou dava caminhadas à toa, tentando não ir demasiado longe. Quando o telefone tocou, estávamos a jantar. Fazia sentido, ligar à hora em que fosse mais provável estar em casa. Fiz questão de ser eu a atender.

- Rafael Borges? – A voz, do outro lado, soava calma e compassada.

- Sim, sou eu.

- Aqui Coronel Santos, regimento especial de Fuzileiros. Se estou bem informado, esta chamada era esperada, certo?

- Certo.

A conversa foi muito factual. Só mais tarde viria a conhecer melhor o Coronel Santos que, apesar do nome, tinha tanto de santo como de pecador. Um pouco como todos nós, suponho. Disse-me que a minha recruta tinha, oficialmente, começado, e que teria de me apresentar, três dias mais tarde, no 14º Quartel dos Fuzileiros, do qual me forneceu a morada. Era fora da cidade. Seria uma recruta de seis meses, mas que poderia vir a casa um fim-de-semana de quinze em quinze dias. Não precisava de trazer pertences comigo, a não ser o estritamente necessário para chegar ao local do quartel.

- Tudo percebido, recruta Rafael?

- Sim, uh, acho que sim.

- Sim, Coronel Santos.

- Ah, claro, desculpe...Sim, Coronel Santos.

Do outro lado, pareceu-me ouvir o som de um riso interrompido, e metido para dentro. Mas logo regressou o tom de voz calmo e compassado.

- Mas não te preocupes: se sobreviveres à recruta, poderás escolher se queres ficar connosco ou não.

E desligou logo a seguir. Fiquei a olhar para o bocal do telefone, como se pudesse, de alguma forma, ver o Coronel Santos do outro lado daqueles buraquinhos escuros. Fiquei completamente baralhado. E um bocado assustado, confesso. Mas depois vim a perceber o que ele queria dizer com aquele apontamento de humor negro. Porque, de facto, a recruta quase me matou. Eu tinha dezoito anos, a fazer dezanove, e eles...bem, digamos que eu não estava preparado para aquilo. Quis desistir várias vezes. Mas, com eles, curiosamente, não havia aquela coisa do insulto, do deitar abaixo, com uma boa dose de degradação para quebrar a pessoa, como tinha ouvido falar de outras recrutas. Olhando para a coisa, agora em retrospectiva, constato que nunca me senti ofendido. Mas eles puxavam por mim até ao meu limite máximo, tanto física como psicologicamente. Pareciam saber melhor onde estavam esses limites, em mim, do que eu próprio. Houve dias em que adormeci antes de sentir a cabeça a encostar à almofada. Outros em que chorei, sem parar, até adormecer de exaustão pura. Um dia, enfiaram-me num poço com uns quinze metros de profundidade, até chegar à água, só com a farda, as botas e uma faca.

- É simples, Borges. A gente baixa-te até lá, com esta corda, e tu depois saís sozinho - Nenhum dos cabos que estava comigo se estava a rir. Aquilo, aparentemente, não era brincadeira – E, se não saíres, foi um prazer conhecer-te.

Quatro meses pela recruta adentro e ainda não tinha pegado numa espingarda. Mas já tinham esticado tanto por mim, que eu já não tremia. Sentia medo, obviamente, mas era já só dentro da cabeça. Olhei para eles com um olhar vazio, e apertei a corda à volta da cintura. Não fazia ideia onde me estava a meter, mas isso parecia ser o que menos importava. Eu já sabia que o propósito era sobreviver. Lá em baixo, a água estava gelada. As paredes do poço eram de blocos de pedra, daquelas que já nem se sabia há quanto tempo ali estavam. Gastas pelos anos e pelas subidas e descidas da água. Acima, só a luz à saída do poço; abaixo, um fundo que não cheguei a perceber onde estava. Lembro-me de pensar, claramente: “Não há hipótese, vou morrer”. Mas o instinto de sobrevivência pôs-me logo a esgravatar nas paredes, tão escorregadias como o dorso de um sapo. Não tinha a noção da passagem do tempo, mas consegui identificar, perfeitamente, o momento em que deixei de sentir os pés dentro das botas. Estava prestes a desistir quando, sei lá como, enfiei o pé numa reentrância entre as pedras. Isso possibilitou-me descansar e recentrar um pouco a cabeça. Uivei de alegria, com a cara esborrachada e um sorriso escancarado sobre a pedra fria e húmida. Foi aí que me lembrei da faca. Claro! Ia escavar pequenos buracos entre as pedras, e apoiar-me neles para sair. Era um bom plano, mas, na prática, não era assim tão simples. As pedras eram rijas que se fartavam, e eu estava a ficar cansado. Gritei. Gritei quatro ou cinco vezes, para que me viessem buscar. Não sentia vergonha nisso; o instinto de não morrer era mais forte. Que se lixasse a honra e a bravura. Mas foi em vão. Lá de cima, a mesma luz, o mesmo círculo de céu azul indiferente. Chamei-lhes nomes, libertei alguma raiva. Terá sido essa raiva que me fez esgravatar, com mais afinco, por entre as pedras. Uma destas, mais pequena, soltou-se, abrindo algum espaço para pôr os dedos. Mais à frente, também com a faca, abri outro buraco, e pus lá o outro pé. Quando me apercebi, já estava fora de água. Um pouco mais acima, comecei a ver que as pedras, mais secas, eram vincadas o suficiente para as agarrar com os dedos. Ainda assim, fui abrindo mais buracos, com a faca, usando as reentrâncias para me ir erguendo, segurando a faca entre os dentes. Trincá-la, apertando os maxilares, era também uma forma de conter os arrepios de frio, pois continuava encharcado. Não sei quanto tempo demorei a sair, mas a luz estava diferente, quando finalmente dei a volta aquele murete à volta do poço. Deixei-me cair para o chão, e

## Trauma

chorei. De alegria. De raiva. De tudo. Enchi a cara de terra, até que reparei no jipe. O carro onde tínhamos ido até aquele desterro. Nesse momento, vi que de lá saíam os dois cabos que me tinham acompanhado e que se tinham despedido de mim, caso eu não sobrevivesse. “Filhos da puta, cabrões...”, foi só o que lhes consegui dizer, antes de voltar a deixar cair a cabeça na terra, exausto.

- A gente sabia que ias sair, Borges.

De pé, descontraídos, ao meu lado enquanto eu me contorcia no chão, de cansaço e dor, os dois soldados sorriam.

- Claro que não íamos deixar que morresses ali dentro.

- Aqui no muro, se reparasses, tinha uma pequena reentrância, e a gente, noutro dia, enfiou aqui uma câmara – O colega de companhia foi ao sítio, tirar o aparelho – E estivemos a observar-te, o tempo todo, ali com o computador.

Levantei a cabeça do chão e, através da porta aberta do carro, vi o laptop em cima do banco ao lado do condutor. Revirando os olhos, e o corpo, voltei-me de barriga para cima, ainda no chão, sentindo a respiração a voltar ao normal.

- Tínhamos a corda a jeito. Em segundos, tirávamos-te de lá.

- Claro, a gente trata dos nossos.

- Foste bem, Borges.

E ajudaram-me a levantar, cheio de água, suor, terra e cansaço. Apoiado nos seus ombros, arrastei-me até ao carro e ao quartel, para mais dois meses de recruta.

Foi aí que comecei a disparar. Nesses dois meses, foi quase só o que fiz. Apresentaram-me a praticamente tudo o que tinha um cano, uma coronha e um gatilho. Espingardas mais antigas, mais recentes, com carregamento manual, carregamento automático, com mira física, mira ótica, de curto alcance, de médio alcance, longo alcance, de alcance variável. Disparei de pé, sentado, deitado, até de cócoras disparei. Com suporte ou sem suporte. A todas as horas do dia ou da noite, com chuva, sem chuva, com mais ou menos vento. Com luz pelas costas, de lado, em contraluz. Disparei com temporizador. Disparei à queima-roupa. Treinei com um alvo, dois alvos, quinze alvos. Com alvos estáticos, em movimento, ou sequências de ambos. Alvos grandes a curta distância, grandes a longa distância, pequenos a curtas e longas distâncias, e todo o leque entre estes. Alvos com identificadores, sem identificadores, alvos a identificar outros alvos. Experimentei um sem-fim de balas, de vários tipos, calibres e funções. Embora todas tivessem o propósito de abater algo, de neutralizar ou de matar. Puseram-me à espera de alvos. Horas a fio. De dia e à noite. Sem dormir, sem comer, às vezes sem poder ir à casa-de-banho. Um par de semanas antes do final da recruta, levaram-me ao psicólogo.

- Rafael, isto não se trata de um programa para formar psicopatas – O psicólogo, com uns óculos pequenos, redondos, sobre a cana do nariz, observava-me com um olhar cândido. Ao perceber que eu ouvia, mas não comentava, acrescentou – Isso era antigamente.

Mas eu mantinha o silêncio.

- Agora, não vamos tentar esconder o óbvio – E puxou os óculos para cima, para um efeito mais convincente – Tu vais matar gente.

- Tenho noção disso.

André Coelho

- Pois...e eu acredito. A questão é se o teu subconsciente terá a mesma noção.

Ele perscrutava-me, em busca de uma reação. Desencostou-se da cadeira, inclinando-se na minha direção.

- Mas, o meu subconsciente não faz parte de mim?

Reclina-se novamente na cadeira.

- Absolutamente. E bem observado. Mas não é por nada que se chama de sub-consciente. Abaixo do nível da consciência. Portanto, não sujeito ao teu controle consciente.

- Mas então como é que eu vou saber se o meu subconsciente está, ou não, preparado para matar?

- Bom, para isso há várias técnicas – O psicólogo cruzou os dedos das mãos à frente do peito – Mas, por agora, pedia-te apenas que fechasses os olhos, respirasses profundamente, e a seguir me contasses o que é que a ideia de ‘matar alguém’ te faz sentir.

Cruzei os braços à frente do meu peito, e fiz o que ele me pediu.

- Bem, eu acho que é um mal necessário – Disse eu, ao fim de alguns segundos – Mas há por aí muita gente doida. Muito criminoso – E voltei a abrir os olhos.

- Isso é o que estás a pensar – Compenetrado, sentia-o completamente focado em mim – Eu perguntei-te pelo que te fazia sentir. Mas não há pressa. Toma o tempo que for preciso.

Voltei a fechar os olhos. Esperei. E ele também.

- Sinto os pés frios. E...não sei, uma certa vontade de mexer os dedos.

- Boa, sentes isso no corpo. E na cabeça, o que é que surge?

- Er...não sei se estou confortável com isto.

O psicólogo atalhou.

- Bom, Rafael. Ok, tranquilo...

- Isto não tem só a ver se eu estou capaz de matar, pois não?

- Admiro o teu poder de observação – Por momentos, ele pareceu hesitar, olhando de soslaio para o relógio. A seguir, tirou os óculos e esfregou os olhos. Ao voltar a pô-los, aproximou-se de mim, e confidenciou – Não é suposto eu fazer isto, mas vou dizer-te. É justo, e acho que tu mereces saber.

- Saber o quê?

- Saber que eu vou, com base nestas sessões, escrever um relatório e entregá-lo ao Coronel Santos.

- E isso vai servir para quê?

- Para ele decidir se te aceita na equipa ou não, como um sniper de elite.

Já não sei se foram estas as palavras exatas. Mas, pouco tempo depois, de facto, o coronel chamou-me. Aparentemente, estava preparado para ser um sniper de elite. Foi também nessa altura que conheci a Helena. Reparo agora, em retrospectiva, que aconteceu imensa coisa nessa altura. Entrar para a equipa do coronel, apaixonar-me pela Helena, ser destacado para as primeiras missões... Nem

## Trauma

sei bem o que contar primeiro, se a parte das missões, se a da Helena. Suponho que ambas, pois constato que estavam ligadas. Aquilo era um bocado viver no limite: uma semana com ela, uma semana para chegar a um qualquer fim-do-mundo e enviar um traficante desta para melhor, tentar não morrer para estar mais uma semana com ela, e assim sucessivamente. Digo uma semana, mas podiam ser quinze dias, menos ou mais, dependia do planeamento do coronel, e do input dos escutas. Os escutas eram, basicamente, espiões. Nunca vi, nem ouvi nenhum, note-se. Eram assim uma espécie de gente invisível que, sabe-se lá como, arranjavam maneira de saber quem, como, quando e onde... a informação necessária para que eu soubesse sobre quem disparar. E apenas isso. O coronel garantia que a mim só chegava a informação estritamente essencial para concretizar a missão. Quanto menos eu soubesse, melhor. Quanto menos informação eu pudesse, sob tortura, fornecer, melhor. Nada era deixado ao acaso. Já a Helena... ela não tinha nada a ver com as missões, ou com espionagem, ou com armamento. Ela só tratava das papeladas do coronel ou, dito de outra forma, todas as ligações formais do coronel e a sua equipa ao corpo dos Fuzileiros, e qualquer outra coisa que envolvesse cartas, telefonemas, emails e burocracia em geral. Incluindo as despesas. Sem ela, o coronel estaria fod... estaria lixado com f grande, porque ele só queria saber das missões e desprezava, abominava, papelada. Talvez por isso a protegesse tanto, isolando-a tanto quanto possível de tudo o que estivesse relacionado com as missões em si, em particular relativamente à possibilidade, sempre presente, de represálias sobre membros importantes de apoio à equipa. Quando descobriu que eu e ela tínhamos uma relação, digamos, mais íntima, ficou furo. Mas rapidamente percebeu que a sua raiva não ia impedir que vivêssemos o nosso amor, e que um ambiente tenso a esse respeito contribuía diretamente para uma pior gestão de tudo aquilo com o qual ele não se queria ocupar, e o potencial desafino da minha pontaria. Em todo o caso, lá consegui não morrer em nenhuma missão, que constavam mais ou menos no seguinte.

Recebia um briefing inicial, normalmente pelo coronel, sozinho ou com algum ou alguns dos seus tenentes. Eu podia tomar as notas que quisesse, sem citar ninguém, sendo estas só minhas, pessoais e intransmissíveis. Não carregaria comigo documento algum, ou algum objeto, que me pudesse relacionar com os Fuzileiros. Com exceção da espingarda, embora, mesmo essa, fosse “limpa” de todas as inscrições e símbolos que pudessem indicar a origem do fabricante ou portador. E, obviamente, nenhum equipamento eletrónico que pudesse comunicar, em alguma frequência do espectro eletromagnético, a minha posição ou dos meus recetores. Nunca viajei num avião comercial no âmbito de uma missão. Os aeroportos têm demasiadas câmaras, e demasiada gente à espreita. O coronel lá arranjava maneira de alguém, algures nas forças armadas, nacionais ou internacionais, me dar boleia para algum sítio perto. Não sei como é que o fazia, mas nunca entreguei um papel, ou cartão, bilhete ou qualquer outra coisa qualquer a quem me transportava. Fosse barco, avião, helicóptero, jipe ou autocarro, eu estava a apanhar boleia de um transporte que já estava destinado, de alguma forma, para outras coisas. Entrava, somente, e ninguém me fazia perguntas. Tinha ouvido falar nas “black-ops”, mas estas pareciam-me mais missões invisíveis: era preciso pertencer à missão, para perceber que se tratava de uma missão. A Helena não fazia a mínima ideia por onde eu andava; nem eu, aliás, tinha uma noção muito clara. Saía de um transporte, entrava noutro; com alguma moeda local não havia, geralmente, problema em apanhar um autocarro, já que em muitos daqueles sítios não havia qualquer registo. Andava a pé por uns quilómetros, entrava numa pensão ranhosa, e instalava-me. Às vezes, esperava dias até aparecer um papel debaixo da porta com os detalhes para o disparo. Aí, tinha de me desenrascar. O ponto do “X” nem sempre estava nas imediações da pensão. Mas, mal ou bem, com mais ou menos esforço e improvisado, lá chegava ao sítio, e montava a minha arma. A seguir, consultava as fotos que me tinham sido entregues, com os restantes detalhes, e procurava reconhecer a mesma figura na mira. Depois de centenas de horas a distinguir tipos de alvos e figuras, geralmente não tinha muita dificuldade em centrar a mira na cabeça, peito ou costas da pessoa correta. Após o



tiro, vinha a parte difícil de sair de onde estava e voltar para casa, sem ser capturado, ou morto, ou ambos. Obviamente que havia sempre um plano de fuga e, tal como nos bons filmes de ação, um plano B, ou mesmo planos C e D, caso aquilo comesse a descambar. Enfim, se ainda aqui estou é porque sempre consegui sair dos ninhos de víboras para onde me mandavam.

Mas descambar...isso só começou realmente a acontecer quando a minha mão deu os primeiros sinais. E isso foi numa missão ao Rio, numa inédita colaboração com os “Caveiras”. Eles precisavam de um atirador, e o coronel não conseguiu negar-me a eles. Fui, mas nessa altura já não andava a cem por cento. Tinha sido ensinado a não saber, e a não questionar, mas...começava a querer saber, e a questionar. Internamente. A Helena também começava a fazer má cara, e a ficar genericamente mal disposta, ao saber que eu ia em mais uma missão.

- Mas porque é que tens de ir? – Batia os ovos mecanicamente, enquanto remoía outras preocupações.

- Eh pá, Lena, isto é o que eu faço – Respondo, sem grande convicção – Disparar...eu só sei disparar. Mais nada.

- Não aprendeste a disparar? Aprendes outra coisa – Põe os ovos na frigideira, juntando-lhes sal e uma pitada de pimenta – Além disso, com a quantidade de missões que já cumpriste, podes pedir dispensa, ou transferência para outro departamento.

- Sim, eu sei disso – Passava as mãos, nervosamente, sobre o cabelo cortado rente, enquanto esperava que os ovos saíssem da frigideira – Mas o coronel precisa de mim. E estas missões são importantes.

Finalmente, os ovos chegavam aos pratos, deixando no ar um agradável cheiro característico.

- São importantes, são importantes – Helena repete, num tom inexpressivo. De repente, larga a frigideira, agora vazia, em cima da mesa, com estrondo. Atordoado, levanto a cabeça – Olha, sabes o que é importante? Isto...

E segura-me na mão, que coloca sobre o seu ventre. Ainda não se notava o volume, mas já ambos sabíamos o que estava a desenvolver-se lá dentro.

Nessa missão, o primeiro incómodo foi perceber quem era o alvo. Olhei para a foto e lembro-me de pensar claramente: “Estão a gozar!” Era um puto. Nem sequer barba feita tinha ainda. Devia ter uns dezoito anos, vinte no máximo. No seguimento da tradição das “missões invisíveis”, a foto e o local era basicamente toda a informação que eu tinha, pouco mais. Mas não era descabido supor que se tratava de alguém com alguma importância estratégica na malha hierárquica do crime organizado; alguma peça na engrenagem, achava o coronel e os cabecilhas dos “Caveiras”, que se eliminada iria abrir caminho para apanhar peixe mais graúdo. Sendo que, no caos da favela, é quase como encontrar uma agulha num palheiro. Um palheiro repleto de espinhos. Era um puto mestiço, com cara de mau. Hesitei duas ou três vezes, a olhar para ele através da mira. Mas o treino impôs-se, e disparei. Na favela, era só mais um corpo ensanguentado no chão, a juntar ao exército de corpos assassinados que aquela cidade produzia todos os anos. Lá, era normal. Mas, na minha cabeça, aquilo deixou marca. Tinha acabado de matar um miúdo pelas costas. Ainda a segurar a arma, percorreu-me um calafrio. A seguir, algo insólito, que só agora, à distância de vários anos, recordo como o início da minha queda, e subsequente ressurreição. Não conseguia mexer a mão direita. Olhei para a mão, atónito, com o dedo no gatilho, sem conseguir acreditar que não conseguia comandá-la para que se mexesse. Era como se uma parte de mim estivesse a realizar um ato de sabotagem...sabotagem contra mim. Ainda soa confuso hoje, quanto mais na altura, naquele momento. Estive a um milímetro de entrar em pânico.

## Trauma

Foi precisamente aí que me lembrei do poço, e da Helena, e da minha futura filha ainda no ventre, tudo ao mesmo tempo. Um resquício de consciência ditou-me que precisava de sobreviver. Respirei fundo, fechei os olhos, e imaginei que largava a arma. Os quase quarenta graus dentro daquele casebre, e o banho de suor no qual estava imerso, curiosamente, ajudaram nesse processo. Que durou apenas três minutos, mas pareceram-me muitos mais, e já me imaginava a ser dali retirado pelos capangas do miúdo, e a ser executado numa lixeira qualquer, de saco enfiado na cabeça. Mas o que pensamos nem sempre acontece. Essa foi outra lição que, entretanto, aprendi. Duramente. Mas, de facto, não fui capturado, nem assassinado. Não sei se por sorte, se por destino, muito embora não saiba bem o que isso quer dizer. Consegui regressar. Ao fim desses três minutos, a minha mão relaxou, gradualmente, e recuperei o controlo consciente sobre ela. No helicóptero, de volta ao quartel dos Fuzos locais, ainda no Rio, chorei. Desde aquele dia no poço que não chorava. Estava a conter-me, para ninguém perceber a minha aflição, mas as lágrimas saíram, sem dúvida. Em silêncio, enquanto a hélice do helicóptero cortava, ruidosamente, aquele ar tropical.

Quando cheguei a casa contei a coisa à Helena. Já sabia que a ia incomodar, mas precisava de partilhar. Sentia-me demasiado pesado, carregando todo aquele fardo. Eram altas horas da noite, e nenhum de nós conseguia dormir.

- Tu estás a matar-te – O tom dela era duro – Eu também fiz a recruta, mas...

- Mas o quê? – Eu falava para o teto, enfiado debaixo dos cobertores, muito hirto, com os braços ao longo do corpo.

- Eles não sabem o que estão a fazer, e tu também não. Cada vez que disparas, matas uma parte de ti.

Aquilo assentou-me como uma sentença. Mas vinha com uma aura de verdade. Sentia-me encurralado. Não me saia nada em resposta.

- Eu gosto de ti, mas vem aí um filho, um filho nosso, e ele, ou ela, merece ter um pai...um pai que esteja vivo, e presente.

Virou-se para o seu lado da cama e chorou. Ainda fiz o gesto de lhe tocar no ombro, mas ela abanou o torso, em rejeição. Percebi que não deveria insistir.

Apesar desse momento difícil, surpreende-me agora, em retrospectiva, que os dois meses seguintes tenham sido tão felizes. O coronel estava a dar-me uma folga, aparentemente, o que terá coincidido com as férias de Helena. O assunto da missão no Rio não voltou a ser abordado, e eu assumi que estávamos só a gozar umas merecidas férias. Mas quando, finalmente, chegou a mensagem do coronel, com a convocação para mais uma missão, ela despachou-me com uma frase enigmática:

- Tu é que sabes da tua vida – Disse-o de uma forma que parecia despreocupada, displicente até – Tu apenas.

A frase, na altura, embora tivesse soado estranha, não teve consequências para além disso. Eu não conseguia ver muito para além do canudo da minha arma, e a minha vontade de saber mal tinha começado. Não me passou pela cabeça que ela ia fazer o que fez. Mas, estivesse eu atento, teria visto os sinais. Desnorteado, enfim, dei seguimento ao chamamento do coronel. Era uma coisa lá para o médio-oriente, aquele barril de pólvora geopolítico. Há uma qualquer estrelinha, lá em cima, que zela por mim, pois, mais uma vez, consegui não morrer, nem ficar por lá, nem ficar sem um olho. Dito isto, foi a minha pior, e última, missão.

Aquilo era uma espécie de trincheira, sobre a qual alguém tinha amanhado um telheiro, que sempre dava sombra. Do calor, no entanto, não me livrava, pois além do ar já de si tórrido, aquela chapa metálica radiava calor para baixo, apesar da tela do camuflado, pelo que, literalmente, cozia-se lentamente ali enfiado. Não sei quantas horas lá estive. Quer dizer, eu tinha relógio, mas no meio daquele forno, das horas vazias e de um estado mental serenamente perturbado, não tinha uma noção clara da passagem do tempo, por mais vezes que o consultasse. Era suposto retirar da circulação um traficante de armas, um tipo de turbante e a boca cheia de dentes de ouro. A trincheira tinha sido escavada, e disfarçada, a uma distância viável para disparo de um caminho que os secretos sabiam que o homem utilizava para os seus negócios. Quilómetro e meio. Era um tiro difícil. Mais ou menos como acertar no meio dos olhos de um rato, a trezentos metros de distância. Tinha levado a arma de longo alcance mais precisa que consegui encontrar, e reparava na deslocação da mira só por estar a respirar, parado, a segurá-la. Exercitava a minha respiração abdominal quando, através da mira telescópica, vejo o homem a virar a esquina de uns prédios abandonados, e a iniciar o tal caminho. Estes tipos podem ser execráveis, mas não são estúpidos. E não é que ele vinha no meio de um grupo alargado de mulheres, rapazes jovens e crianças, assim como se tivesse ido tratar dos seus negócios acompanhado por toda a sua família e vizinhos lá do bairro. Comecei a ficar nervoso, enquanto seguia a procissão com a minha mira e o dedo suado sobre o gatilho. Só pensava: “Foda-se, foda-se, foda-se...saíam da frente”. Ele devia ter tantas mulheres e filhos que, se perdesse um, ou uma, no meio de um tiroteio, valeria a pena se conservasse a sua própria vida e a continuidade dos seus negócios. Eu, da minha parte, só queria uma linha limpa de disparo, para acabar com aquilo depressa e ir embora. O que acabou por aparecer: já depois de ter ido ao Hummer do outro tipo e validado as armas que ia vender, ou comprar, esse outro tipo lembrou-se de alguma coisa de última hora, e chamou-o. Foi aí que ele se distraiu. Chateado, voltou-se para o tipo, talvez para o insultar mais de perto, ou para lhe enfiar dois balázios na cabeça, nunca chegarei a saber. Mas afastou-se da pequena multidão que o seguia, momentaneamente, e tive a minha tão desejada linha de tiro. E sabia que ia acertar. Nesse preciso instante, no entanto, apercebi-me, em pânico, que não conseguia mexer a mão direita. Aí sim, entrei em pânico. Comecei a gritar, a espernear, a vomitar palavras. Em qualquer outra missão, teria sido apanhado e, depois de torturado, oferecido em pedaços aos ratos. Mas estava no meio do deserto, a dois quilómetros de alguma coisa parecida com civilização. Estava, efetivamente, sozinho. Sou um tipo com uma sorte inacreditável, o que não deixa de me surpreender. O alvo, esse, já tinha desaparecido pela altura em que recuperei alguma noção do que estava a fazer. O pânico deu então lugar a uma abominável sensação de falhanço. E a minha mão continuava trancada. Se calhar, a Helena tinha razão: isto dos disparos estava mesmo a matar-me. Quando a mão começou a dar sinais de vida, acalmei-me um pouco e dediquei-me a arranjar a trouxa. Já não havia nada que pudesse fazer ali. Comi as restantes barras energéticas e bebi o resto da água que tinha, mas ainda esperei um par de horas que anoitecesse, antes de sair da trincheira. Andei a noite toda, percorrendo os vinte quilómetros de volta ao ponto de onde me tinham trazido, originalmente, e de onde me iriam escoltar de volta a casa. Estava estoirado, cheio de sede e, embora aquilo fosse só andar a direito pelo caminho de terra batida, só pensava que me ia perder e, a seguir, kaput. Mas, claro, lá cheguei ao posto avançado do quartel, em pleno deserto, ao raiar do dia. Os poucos presentes estavam todos de cara trancada e, como de costume, ninguém fez perguntas. O protocolo usual. O coronel esperava-me na base aérea, a um par de horas de camião de distância. Apesar dos solavancos, consegui dormir alguma coisa. Mas não havia muito a dizer: os ‘escutas’ já o tinham informado que o “boca de ouro” estava vivo, portanto eu tinha falhado. Não vi, apesar disso, zanga no seu olhar. Apenas desilusão, e apreensão.

- Borges, vai para casa. Estás com mau aspeto – Foi tudo o que consegui dizer-me.

## Trauma

Ainda me acompanhou à rampa do C-130 que estava para descolar. Imediatamente antes de entrar, apresentei-lhe a continência, como sempre fazia. Não me retribuiu. Ficou só ali, parado, a ver-me entrar, até a imagem dele desaparecer atrás da rampa em elevação. “Tou fora”, foi o que pensei. Pensei bastantes mais coisas durante essa viagem, nenhuma delas agradável, mas não suspeitava que o pior estava para vir.

Quando cheguei a casa, Helena não estava. Tinha-lhe enviado mensagem, a dizer que estava a chegar, mas não me respondeu. Não liguei muito, até porque estava tão cansado que só queria mesmo cair na cama. A realidade poderia esperar. Mas não se fez esperar muito tempo. Ao acordar, Helena continuava a não estar, e comecei a repara que faltavam coisas dela. Tipo a caneca favorita, uns quantos livros, quase todas as suas roupas. Fiquei um bocado parvo com aquilo, mas ainda não estava a perceber o que se estava a passar. Liguei-lhe.

- Rafael, vê se entendes – Notava-se que estava a fazer um esforço para mostrar empatia, mas a voz carregava irritação – Eu tomei esta decisão por mim, e pela nossa filha. Tu tens a tua vida: faz o melhor que puderes com ela.

Discorri o que pude, em resposta, sobre o que sentia, sobre ser pai daquela criança, sobre os dois meses anteriores, sobre a casa, sei lá. A tentar reverter aquela decisão, aquela espécie de veredicto. Foi como falar com uma parede. Estava na presença de uma Helena que não conhecia: alguém de ideias fixas e incapaz de reverter ou reequacionar uma decisão. Ocorreu-me que ela teria planeado os últimos meses. Iria separa-se de mim, mas de uma forma que deixasse boas recordações. Assim uma espécie de presente agri-doce. Ao desligar o telefone, larguei-o de qualquer maneira e deixei-me cair no sofá. Aí, vi toda a minha vida a correr-me à frente dos olhos. Tentava, desesperadamente, encontrar um fio condutor, uma justificação para me encontrar naquele sítio, aquela hora, naquela circunstância. A sensação era como se não tivesse vida: a vida que tivera até aí já não existia, portanto estava sem vida. Foi no meu novo estado de zombie que ainda tentei chegar, novamente, a Helena. Acedeu a encontrar-se comigo.

- Para onde foste? – A minha voz saía arrastada. Andava sem apetite, magro, e a dever imensas horas à cama.

- Mudei-me, temporariamente, para casa da minha mãe – Em contraste, a voz de Helena chegava até mim confiante e assertiva – Para já, vai ser assim, depois da criança nascer, logo se vê.

- Porque é que foste embora? – Olhava para ela, suplicante, enquanto, por baixo da mesa de café à qual estávamos sentados, segurava a mão direita com a esquerda. Ultimamente, as paralisias tinham-se metamorfozado em dores agudas.

- Porque percebi que não ias ser o pai que eu quero para esta criança – Ela mostrava uma confiança que me parecia excessiva, uma espécie de carapaça que solidificara em seu redor. Mas eu estava sem forças para tentar furar o escudo; penso agora que já só estava a tentar suavizar a minha queda, pressentida como inevitável – Tu és um Fuzileiro, e sempre o serás. Isso de “ex-Fuzileiro” é coisa que não existe. Basta olhar para o coronel Santos.

- Já agora, só para saberes: vou sair dos Fuzileiros – Eu estava completamente a improvisar, mas a atitude da Helena também me estava a irritar. Fez-me sentir um pouco menos morto. Só para esclarecer: eu não tinha pensado no assunto, não tinha antes tomado nenhuma decisão. A única coisa que tinha acontecido era aparecerem umas dores horríveis na mão direita, muito embora não tivesse tentado disparar nada desde a cena no deserto.

André Coelho

- Estás a ver porque é que não podemos estar juntos? – E atira-me um olhar fulminante, como se o que lhe tinha acabado de lhe dizer fosse, para ela, uma intimidação. Eu não estava bem, e sabia que não estava bem, mas havia uma réstia de sanidade que começava a afastar-me de Helena.

- Eu não sei de muita coisa, e muito menos nos dias que correm, mas sei que vou sair dos Fuzileiros – Na prática, estava a tomar a decisão ao falar dela pela primeira vez – Acredita, se quiseres.

- Não acredito.

Não me lembro do resto da conversa. Naquele momento, só queria encontrar um buraco onde me esconder. De Helena, estava claro, já só podia esperar agressividade ou, na melhor das hipóteses, indiferença. Na parte de trás da minha cabeça ainda se arrastava a noção de que eu estava prestes a ser pai, o que contribuía ainda mais para uma sensação de peso e de estar completamente perdido na vida. Se calhar Helena tinha, mais uma vez, razão: eu talvez não fosse o pai indicado para aquela criança. Mas a mãe também parecia padecer de uma série de contraindicações. Nessa fase, os dias misturavam-se todos, dos quais admito não recordar muito. Os seres humanos têm esta capacidade para filtrar momentos dolorosos ou, digamos, demasiado dolorosos. Mas, como qualquer organismo, essa filtragem não é perfeita, ficando sempre alguma coisa. Aprendi que acaba sendo essa “alguma coisa” que nos faz agarrar à vida, e acabar sentindo que vale a pena. Sim, tentei o suicídio. Foi uma coisa atabalhoada, naturalmente, já que eu estava treinado para despachar outras pessoas, não a mim próprio. Foi por essa altura que decidi ir ao psiquiatra, porque já não aguentava as dores na mão, e a falta de sono. Deu-me uma valente chazada acerca dos veteranos guerra, do stress pós-traumático e tudo isso, e despachou-me com uma receita de antidepressivos, analgésicos e comprimidos para dormir. No momento seguinte que me lembro, estava na casa de banho, a olhar para o frasco dos comprimidos para dormir, a pensar: “Que se foda esta merda toda”. E tomei uma boa parte do frasco. Assim que comecei a sentir o efeito daquela merda toda, apercebi-me da minha monumental estupidez. Só tive tempo de me arrastar para fora de casa, e desmaiar no patim da escada, onde algum vizinho me terá encontrado, provavelmente a espumar da boca. Acordei no hospital, sentindo uma valente ressaca, mas feliz por estar vivo.

- Você... - O médico de serviço, encarregado de me observar, parecia quase tão maldisposto quanto eu – Você estava por um fio. Mas lá o resgatámos. Enfim, é para isso que nos pagam esta miséria.

- Uhm...a minha cabeça parece que vai explodir – Consegui balbuciar em resposta.

- Vou-lhe aumentar um pouco aqui a dose de analgésico – O médico ia mexendo nas válvulas e nos tubinhos, enquanto eu ia experimentando as várias posições da cabeça, a tentar encontrar uma menos dolorosa – Mas isso agora é normal, e irá passar daqui a vinte e quatro a quarenta e oito horas. Por essa altura, damos-lhe alta do nosso serviço, e passa para a psiquiatria, já que o seu caso terá sido, como tudo indica, uma tentativa falhada de suicídio.

- Nem pense nisso, doutor – Eu, de olhos fechados, falava para o ar assético da sala de recuperação.

- Como assim? – Pelo que eu podia discernir, através do pesado véu da dor de cabeça, o tom do médico era um de afetada surpresa.

- Eu estou aqui porque fui ao psiquiatra – Eu arrastava a voz, mal abrindo a boca.

- Você é que sabe – Ele estava a ficar impaciente, e havia mais pacientes para atender – Mas no meu serviço é que não fica.

- Esteja descansado, doutor.

## Trauma

O médico saiu, sem se despedir, depois de me pôr os dedos no pescoço por uns instantes, e de auscultar com o estetoscópio. Eu estava salvo pelo que, tudo correndo bem, ele não queria voltar a ver-me. Mas foi recíproco. Também terá sido um final, para mim, na relação com médicos: se ia continuar o meu tratamento, iria ser fora da alçada da intervenção médica. Depois de sair do hospital, lá arranjei maneira, através do contacto de um amigo, que conhecia uma amiga, que por sua vez arranjou um contacto de uma terapeuta que dava consultas no centro da cidade. Eu, entretanto, tinha saído da casa que alugava com Helena porque, assumidamente, já não tinha dinheiro para um apartamento, por mais pequeno que fosse, àquela distância do centro. Isto mesmo considerando que os Fuzos continuavam a pagar-me todos os meses. Por essa altura, eu já só estava à espera que o coronel me contactasse para lhe dizer que não valia a pena contactar-me mais. Portanto, saí da cidade. Não fui para muito longe, mas longe o suficiente para pôr os pés fora do meu novo apartamento minúsculo, que no fundo era um par de divisões tornadas independentes na moradia de uma velhota simpática que morava no sopé da serra, e inspirar o ar fresco e aromático da floresta. Há meses que não disparava, e a mão ainda me doía, de vez em quando com pontadas, mas o facto é que começavam a ser menos frequentes, à medida que me ia afastando daquela vida de disparador. A dita terapeuta tinha ali um caso bicudo pela frente, eu, mas nunca baixou os braços, e não descansou enquanto eu não me abri completamente.

- Rafael, sinto que há qualquer coisa por trás do que acabaste de dizer...

Esta seria uma tirada típica dela, acompanhada, por exemplo, de uma mexida na posição da sua cadeira, para se aproximar mais da minha, no sentido de captar melhor as minhas reações, conscientes ou não. Era aí, normalmente, que eu percebia que não percebia exatamente qual a extensão ou profundidade das minhas feridas internas. Ela estava, no fundo, apenas a ajudar-me a ver mais, e melhor, para o interior de mim próprio.

- Olha, sugiro que faças o seguinte, se fizer sentido para ti: encostas-te confortavelmente nessa cadeira, fechas os olhos, e trazes à memória uma situação que recordas como importante, no sentido de marcante, e conecta-te com o que sentias, nesse momento.

Dessa forma, e de outras, visitei vários momentos da minha vida, outras versões de mim próprio, voltei a sentir a dor do abandono, o aborrecimento e a saudade que iam alimentando a minha vontade de disparar. Claramente, tinha usado aquele meu talento para sobreviver. Nas palavras da terapeuta, “por ser alguém sensível, mergulhado num ambiente hostil”. Mas havia um preço a pagar: cada vez que disparava, afastava-me um pouco mais de mim. Até que o meu corpo não aguentou mais.

Bom, o resto já sabem. Atualmente, ainda vivo no tal apartamento minúsculo no sopé da montanha. Começo até a desconfiar que a velhota está com ideias de me deixar a moradia toda, até porque não tem descendentes e não gosta da restante família. Mas pareceu engraçar comigo. Talvez por ter sentido pena de mim: quando vim para aqui viver estava em frangalhos, e ela talvez nunca tivesse visto um homem em tão mau estado. Ou um que não tentasse ocultá-lo. Entretanto, vou reconstruindo a minha vida, ou melhor, vou reiniciando outra. O coronel acabou por ligar, como era inevitável.

- Rapaz, ouve o que tenho para te dizer – O coronel ensaiava a sua voz mais persuasiva – Toda a gente falha uma missão. Até te digo mais: toda a gente falha várias missões. Isto é um trabalho de alto risco, sabes perfeitamente. Não te deixes ir abaixo. Lembra-te do teu treino: um Fuzo não quebra – Enquanto ele falava, sem que eu o interrompesse, imaginava-o sentado no seu gabinete, despido de adornos, vestido com o seu camuflado impecavelmente engomado, a sua pistola brilhante pendendo do cinto, com uma mão a segurar no telefone e a outra a massajar a têmpora - Também sei que tu e a

André Coelho

Helena se separaram. A vida dá muitas voltas, Borges. Eu tenho sessenta e quatro anos, e já vou no terceiro casamento. Acredita: para um tipo do Exército, é como duas manchas na ficha. Mas eu quero lá saber. Sabes o que penso desses burocratas de merda das Forças Armadas.

Seguiu-se uma breve pausa, possivelmente na preparação de uma “punch line”, em que quase se conseguia ouvir o ruído da ventoinha do seu gabinete.

- Ouve, Borges. A gente precisa de ti. Os Fuzileiros precisam de ti. Este país...Mais do que este país: o mundo de ti. Nós somos os “Bons”, lembraste? Não temos armadura, nem espadas brilhantes, mas somos os tipos que, na sombra, vão combatendo o crime à escala global. Que se lixem aqueles super-heróis, uma cambada de bichonas de maiô, a lançar raios dos olhos e do cú... Nós é que somos os verdadeiros heróis. E não somos reconhecidos por isso. Mas que se lixe.

Deixei-o falar, mas tinha de responder. E rápido, pois pior, para o coronel, do que os burocratas de merda da Forças Armadas, era ser mantido à espera.

- Coronel Santos, agradeço as suas palavras, a sério que sim – Dizia isto e sentia já a pressão do desânimo, e das expectativas frustradas, mas sabia que estava diferente, e que a decisão de sair há muito que estava tomada – Mas eu estou fora. Eu já não consigo e, neste momento, já nem quero, disparar uma bala. A vida dá muitas voltas, tem toda a razão. A minha deu esta, e espero sinceramente que seja pelo melhor.

Ele limitou-se a desligar o telefone. Sentia-lhe a frustração, mesmo depois da interrupção da chamada. Sabia que nunca mais iria falar com ele, nem estar na sua presença, a menos de alguma infeliz coincidência que, felizmente, não veio a acontecer. As pessoas da minha antiga vida vão ficando para trás, à medida que me afasto dela. A Helena, enfim, continua a ser, e sempre será, a mãe da minha filha, mas, para mim, não passará disso. Felizmente, não colocou obstáculos à partilha da guarda da criança, o que achei estranho. Talvez tenha começado a acreditar que saí, efetivamente, dos Fuzileiros. Ou terá tido outros motivos. Francamente, já nem me interessa. Não tenho muitos meios, mas é verdade que os Fuzos cuidam dos seus e, mesmo considerando a minha saída, perante o coronel, oficialmente fui colocado na Reserva, como ex-combatente. Logo, com direito a um vencimento vitalício. É assumidamente pouco, mas dá para o básico. Entretanto, vou trabalhando aqui e ali, nas obras, no campo, na limpeza da floresta, às vezes como motorista. Comecei a escrever umas crónicas para o jornal local. Também paga pouco, mas com tudo somado, lá vai dando para sobreviver. Para mim e para a miúda. Esta mão de ex-sniper também vai curando. Ainda tenho umas pontadas, mas cada vez mais raras, e sucessivamente mais suaves. Não sei se esta minha estória vai acabar bem, mas, pelo menos, vai acabar melhor do que quando começou. E ainda estou vivo.